ANO I Nº 1
Dezembro de 1949

GRÊMIO DA E.S.A.

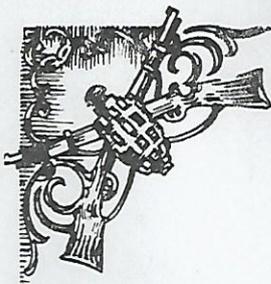
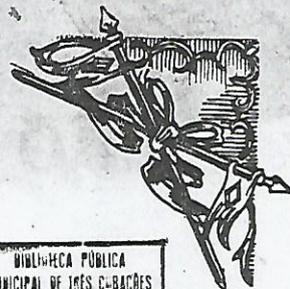
OFICIAL ORIENTADOR: Ten. IVANILDO DE FIGUEIREDO A. DE OLIVEIRA

PRESIDENTE: Aluno Oswaldo do Nascimento
SECRETÁRIO: Aluno José Ribamar Neves da Silva
TESOUREIRO: Aluno Honório Barros Coelho
DIR. DA BIBLIOTECA: Aluno Geraldo de Oliveira
DIR. DA SALA DE RECREAÇÕES: Aluno Simão Cristaldo
DIRETOR DE ESPORTES: Aluno Newton Pissini

***

REVISTA "A E.S.A."

DIRETOR GERAL: Ten. Ivanildo de Figueiredo A. de Oliveira
DIRETOR SECRETÁRIO: Aluno Waldtefel Lima
DIRETOR GERENTE: Aluno Hildebrando Martins de Castro

REDATORES RESPONSAVEIS:
- INF.: Aluno Amaro Catharino
- CAV.: Aluno João Lemes da Silva
- ART.: Aluno Taes Borges Oliveira
- ENG.: Aluno Eraldo Luiz M. Cardoso

Ano I Dezembro de 1949 Nº 1

NOSSA REVISTA APARECE QUANDO AINDA NÃO BEM TERMINOU O ANO DE 1949 E JÁ 1950 É UMA PREOCUPAÇÃO CONSTANTE - UM HINO DE TRABALHO E DE ESPERANÇAS EM NOSSAS VIDAS, AINDA TÃO JOVENS, MAS INTEIRAMENTE DEDICADAS AO SERVIÇO DA PÁTRIA, AO CUMPRIMENTO DO DEVER. NOSSA REVISTA É UM CANTO DE PAZ, UMA ANSIA INCONTIDA DE COMUNICAR A ALGUÉM O SEGREDO DE UM MUNDO MELHOR E, JÁ QUE A VIDA NÃO SOMOS NÓS MESMOS, O EGO AMBICIOSO, INCONDICIONAL, DE QUERER SEM RETRIBUIR, SER VISTO SEM VER, TRATEMOS DE SABER QUE EXISTEM OUTROS QUE, COMO NÓS, VIVEM, TRABALHAM E SOFREM.

"A E.S.A." NASCE EMBALAMDO-SE NA MÚSICA DIVINA DO NATAL, "GLORIA IN EXCELSIS DEO ET IN TERRA PAX HOMINIBUS BONAE VOLUNTATIS". QUE ELA SEJA ASSIM, UMA MENSAGEM DE PAZ PARA NÓS, HOMENS DE BOA VONTADE. PARA NÓS, HOMENS QUE SERVIMOS INTEIRAMENTE A PÁTRIA, NUMA MISSÃO HONROSA. PARA NÓS, HOMENS QUE DE SOL A SOL TRABALHAMOS NUM RÍTMO FECUNDO E PRODUTIVO.

NOSSA REVISTA IRÁ NOS APONTAR UM NOVO HORIZONTE. ELA VEM À LUZ DO DIA, NÃO SEM UM ACANHAMENTO NATURAL, NÃO SEM PEQUENOS ERROS, MAS TRANSBORDANTE DE ANSEIOS. ELA AÍ ESTÁ, SARGENTO, INTEIRAMENTE PARA TI. VÊ SI ELA NÃO PROFETIZA DIAS MELHORES, UMA CANAÃ RISONHA, NO ALTO DE UMA MONTANHA DE ONDE, QUANDO OS TEMPOS CORREREM E TIVERMOS ALCANÇADO NOSSOS OBJETIVOS, POSSAMOS VER A PLANÍCIE ONDE POR MUITO TEMPO HABITAMOS.

"A E.S.A.", SARGENTO, É A TUA REVISTA!"

WALDTEFEL ROCHA LIMA

Diretor Secretário

Aí está qualquer coisa dificil de expressar. Sim, pois ficil, nos fica a incerteza de saber si só estas duas pa-avras são capazes de dizer do nosso reconhecimento pelos balhos que tão carinhosamente nos foram entregues. Sem e-es nossa revista seria um nada, uma coisa sem expressão, nem timento. Daí, a dívida que contraimos para com aqueles ue, com sua arte, seu afeto, trabalhando desinteressadamen- quando outros descansavam, deram vida a estas páginas.

Portanto a estes o nosso

" M U I T O O B R I G A D O "

Ten. Cel. Evandro Conceição Del Corona
Ten. Francisco Vieira de Castro
Ten. Adelino Ribeiro Tavares
Sgts. Noguez, Nascimento, Condino, Giorgeta, Porto e Mello.
Cabos: Sampáio, Araripe, Aldo, Azevedo, Castilho, Moreira e Amaro.
Soldados: Oscar, Cid, Waldir, Elias, Quintanilha, Oswaldo e Altair.

Membros da Oficina Impressora do C.A.E.R.

Aos desenhos de:

Sra. Da. Maria José A. de Oliveira
Sra. Da. Vera Avilez
Sr. Lauro Pavane
Sr. Romeu Filardi
Sr. Sebastião M. Silva
Sgt. Fernando Motta
Sgt. Osmar Verdade
Sgt. Antonio Bueno dos Santos
Alunos: Justo Cabral, Thomazine, Rodrigues, Ednyr e sd. Germano.

Às fotografias de:

Capitão Nazareno Fortes de Brito
Tenente Gualter Gill
Dr. José Rafael
Sgt. Erasmo Felix Bevenuto
Alunos: Bezerra, Pissini, Weber, Xavier e José Pontes.

Aos Srs. Comerciantes que nos apoiaram de modo decisivo. E o nosso especial agradecimento ao Sgt. Amacílio Car- de Freitas, pela valiosa colaboração na obtenção dos anun- que figuram nestas páginas.

A Direção

O PRIMEIRO ALUNO

Wellington Maria dos Santos, nasceu no dia 1° de Janeiro do ano de 1931, na vila de Caramazal, estado da Paraíba, sendo o 12° filho do Sr. Manuel Maria dos Santos e de d. Marciolina Maria Alves.

Cursou o primário na escola pública local e fez o curso de mestria agrícola na "Escola Agrotécnica Vital de Negreiros", situada em Bananeiras.

Vindo para a E.S.A., tornou-se aluno dedicado aos estudos e na Engenharia, ao terminar o 1° período (20 semanas) foi o melhor educando da "Escola" tendo conseguido justamente o gráu 8,2. Proseguindo com o mesmo entusiasmo Wellington alcançou no 2° período (12 semanas) 8,55. E agora ao terminar o APERFEIÇOAMENTO o estudioso sargento com gráu 8,325 vem de patentear a sua capacidade intelectual e amor ao trabalho.

Ao Sgt. Wellington, *os nossos parabens.*

***   ***   ***

Uma Revista para o Sargento

Em um estabelecimento de ensino como a Escola de Sargentos das Armas, onde anualmente centenas de jóvens idealistas adquirem conhecimentos profissionais e moldam a sua personalidade para o fim a que se destinam no Exército, não poderia o Comando excluir de suas cogitações e diretrizes o aprimoramento da cultura geral, e, tampouco esquecer a necessidade de atenuar o árduo labôr de todos os dias possibilitando aos alunos, momentos agradáveis de distração mental e física, por meio de mudanças passageiras de suas atividades.

Dentro dessa orientação foram creados o Grêmio, a Bibliotéca e a Revista "A E.S.A." esta, como uma continuação e lembrança efetiva da antiga "A E.S.I.", órgão da prestigiosa Escola de Sargentos de Infantaria.

É pois com grande prazer que ora apresento o 1º número da Revista "A E.S.A.", realizando mais um dos muitos desejos do Comando, tendentes a dotar a Escola do que há de mais avançado em regime escolar.

Um outro motivo de justo orgulho para o Comando e quantos servem na Escola, foi a copiosa colaboração de oficiais, sargentos e alunos, além de excelentes trabalhos de colaboradores externos, amigos e admiradores do nosso intenso e penoso trabalho.

A todos, os agradecimentos do Comando da Escola, com um caloroso apêlo para que continuem a prestigiar e auxiliar a nossa Revista.

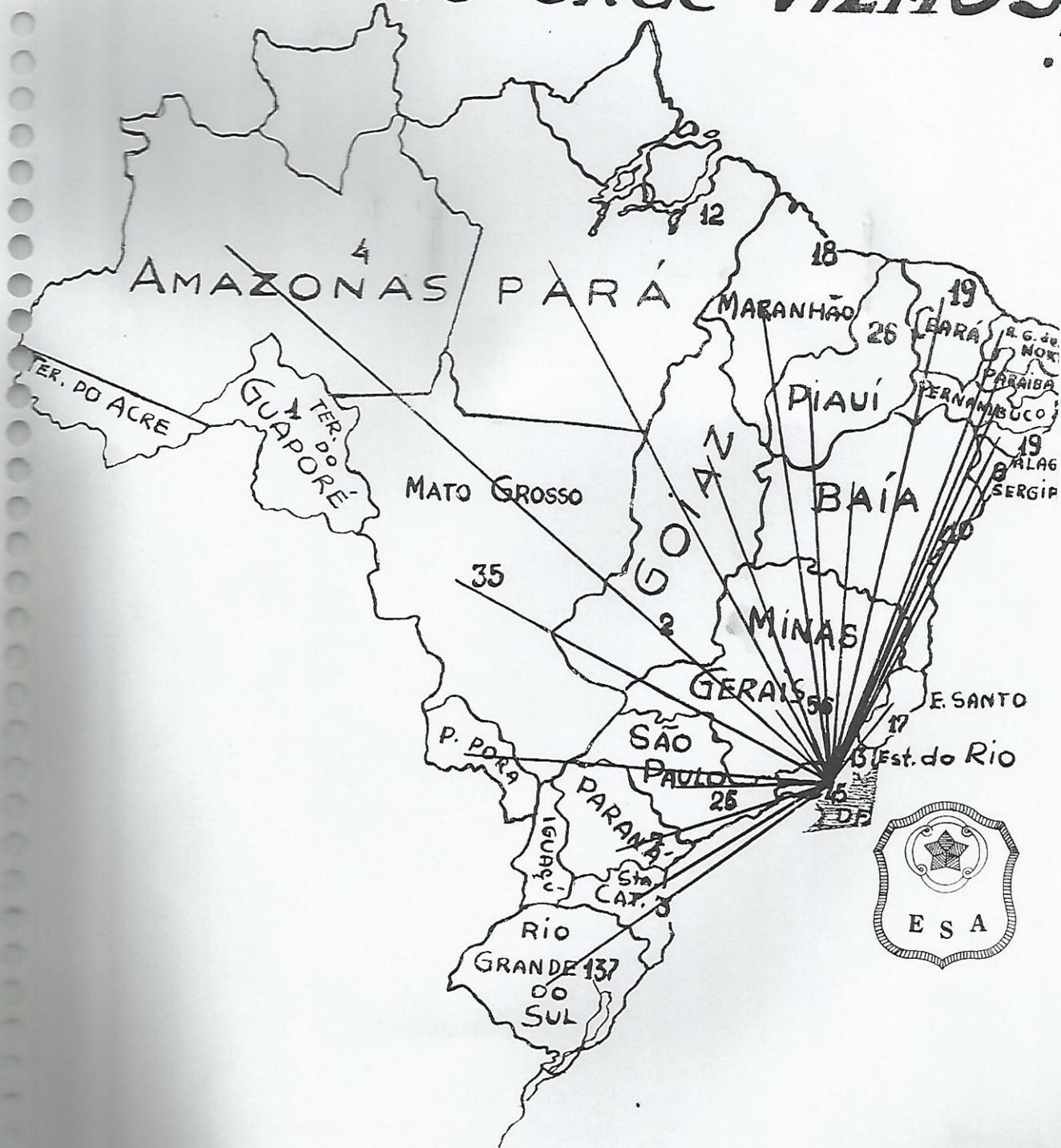
Perdoadas as falhas, naturais em um primeiro número, que a vibração, os sentimentos, o carinho, o esforço e principalmente o desejo de agradar, atingindo o objetivo da Revista, sejam bem compreendidos por aqueles que nos honrarem com a sua atenção.

Ten. Cel. Lage Lajão
Cmt. E.S.A.

Ah! meu pássaro cativo,
Não vês que está aberta a tua porta ?
Não sabes que poderás partir,
Ferir o espaço com tuas asas ligeiras ?...
Inocente e simples
Olhas o céu através as grades,
Êste imenso céu azul,
Tão azul... tão cheio de sol !
....
Oh! meu belo prisioneiro,
... e não te apercebes que estás liberto ?
Vamos... parte... vôa pela imensidão a dentro,
... ela te convida...
....
Não vês que os meus olhos estão rasos d'água ?
E que se me torna tudo embaçado,
Perdendo a forma... se diluindo ?
...eu que tanto quero ver-te partir!...
....
Lágrimas ardentes, indecisas,
Rolam por minhas faces,
Antecipam a imensa saudade
Que vaes deixar,
... a enorme falta do teu cantar!...
....
....
Cria já na tua aclimação
Ao doirado encêrro.
Mas, ai, como nos enganamos!
....
Vae... vae que o céu é teu.
Eu ficarei aqui na terra, preso,
Como um pobre mortal, imperfeito,
Mísero e mau,
Por tolher-te a liberdade!
....

A. E.S.A.

E quando, longe, sentires a falta
Das mãos que te afagaram,
Mãos, que jamais privaram-te
Do cotidiano alimento,
Da água límpida e fresca
Para a sêde mitigares...
... então, sentirás opresso
Teu terno coraçãosinho,
Teus olhos se humedecerão,
E o teu peito arfará
Na dor de uma saudade!...
....
Mas não!...
Não quero que chores como eu choro!
Não quero que sofras como eu...
Volta então! Volta!...
Volta meu adorado pássaro!...
... e encontrarás a tua porta
Ainda aberta à tua espera...
... e nunca mais ela se fechará!...
....
És livre agora.
Livre como todos os outros pássaros...
Livre como os raios de sol
Que inundam o ar...
Como a água cristalina
Da fonte que canta
Na mata inviolada!...
....
....
Oh!... finalmente atinaste
A porta aberta!
Como célere rasgas o azul,
Como o sol doira-te as penas!...
....
Adeus, meu pássaro cativo
Adeus!...
Adeus, para nunca mais... eu sei!...
....
Já não mais te vejo...
Já não mais ouço tua melodiosa voz...
...já não mais existes!...
A tua gaiola está deserta,
Muda, hirta como a morte!
É apenas um corpo inanimado,
Onde a vida se lhe apagou...
... e o espírito luminoso e radiante,
Voou !...
....

QUANTOS SOMOS e de onde VIEMOS

O CAP. NAZARENO FORTES DE BRITO escreveu

UM POUCO DE PSICOLOGIA MILITAR

A Psicologia, ciência que, como todas as demais, surgiu da complexidade e do marasmo de observações isoladas, para mais tarde, tomando côrpo, após sofrer a nefasta influência dos magos, charlatães e aproveitadores que a revestiram de ilusionismo e fantasia, chegar à maravilhosa afirmação dos principios que hoje correm mesmo na bôca dos medianamente instruidos.

Saindo do Gabinete de estudo dos cientistas os principios meramente teóricos e abstratos de então nestes últimos anos tem sido aplicados em todas atividades humanas, como ciência prática objetivada no sentido econômico universal: obter muito empregando pouco; ou, em melhores palavras, - conseguir o equilíbrio e ajustamento social pelo estudo da personalidade humana de modo a diminuir o sofrimento e aumentar o prazer. A educação moderna do homem em formação e mais tarde do homem especializado tende portanto a abandonar os antigos métodos repressivos, onde o mêdo era a única fôrça de que dispunha o educador, e, a realização de sua vontade a única razão admissivel. Sutilmente, burilando os instintos inatos depois de contornados os hábitos herdados, evitando a aquisição de hábitos inadequados, adaptando o elemento humano ao meio, enfim creando reflexos úteis ao individuo e à Sociedade, os conhecimentos psicológicos cada vez mais se aproximam da colimação de seus objetivos.

É meu intento, neste bosquejo, salientar alguns dados úteis à nossa classe, principalmente no que concerne à ação de comando, hoje assente em bases muito diversas daquelas que o famigerado Conde Lipe apregoava como eficazes e justas.

Comecemos pelos instintos, essas vigorosas raízes que alimentam a espécie, buscando subsistencia mesmo onde não haja luz nem auxilio da razão. Quasi todos os psicólogos, com algumas discrepancias ou restrições, acreditam ser o instinto uma fôrça fisiopsiquica, dinâmica, inconciente que tem por finalidade "evitar a dor e produzir o prazer", em síntese "conservar o indivíduo e a espécie". Dentre as atividades mentais é talvez o mais rudimentar e a sua ressonância no plano físico e o reflexo: - Forma sensivel e material do "modus operandi" do instinto, a adaptação expressa em movimento, conjunto de reações de que o conciente não participa. Crê-se que os instintos se formam de atos biológicos simples aos quais veem juntar-se a inteligência e a experiencia que os reúne de modo conviniente, completa e cooidena até que o sistema nervoso assimile e se torne capaz de executar a ação automaticamente.

São caractéres essenciais dos instintos: ignorancia do objeto - perfeição imediata - infalibilidade - imobilidade - especialidade - uniformidade, etc. Ai da vida animal se não fossem os instintos ! Faça você um exame nos seus atos de rotina e veja quão laborioso seria racionar um por um antes de executá-los. Uma garfada de comida que você leva à bôca enquanto pensa nos problemas de combate, tiro, ou tem qualquer outra ocupação mental, exigiria uma série de raciocínios simples que absorveriam inteiramente a sua atenção. Creio mesmo que sem eles a vida não seria possivel, pelo menos dentro da capacidade animal que conhecemos. Desde as mais simples atividades como saciar a fome e a sêde, até os atos sociais de proteção à família, luta pelo espaço vital em que um indivíduo ou grupo de indivíduos pretendem desabrigar os demais pretextando superioridades raciais e técnicas ou direitos fundamentados em princípios aleatórios; enfim, toda essa complexa trama a que estamos presos cotidianamente nos reduziria ao nada se não fossem os prodigiosos instintos que nos levam a solucionar problemas dificeis com um mínimo dispendio de energia.

De acôrdo com os mestres no assunto, os instintos se classificam em tres grupos: pessoais, sexuais e sociais.

Os pessoais, tambem chamados egoistas tendem a conservar o individuo e a aperfeiçoá-lo e se enumeram: nutritivo, de fuga, de combate, de ocultação, militar, industrial, de orgulho e de vaidade.

Os sexuais se fazem representar pelo amor sexual e pelo amor filial.

Os instintos sociais formam a categoria dos que se destinam à nossa vida em comum e se enumeram: de agregação, imitação, sugestão, simpatia, auto-exibição, auto humilhação, bondade, veneração etc. Neste rápido estudo pudemos estimar que os instintos se prestam às funções preponderantes da vida, agora vejamos como eles agem em proveito das atividades militares que desde os primórdios da Humanidade a ela estão inseparavelmente ligadas.

Em campanha mais do que em qualquer outra situação encontra-se ameaçada a segurança pessoal e coletiva. É pois nesse cáos que mais aguçados, dextros e aperfeiçoados precisam estar os instintos; de tal modo que nos momentos críticos, quando toda e qualquer irresolução é fatal, uma cadeia de atos reflexos creados em tempos de paz atue prontamente e com aquelas caracteristicas ja mencionadas. O nosso R.E.G.I. antigo sabiamente preconisa em um dos seus artigos: "......... deve-se criar no soldado, durante seu curto tempo de serviço, atos de reflexos eficazes, solidamente enraizados no seu sub-conciente de modo que possam persistir durante a vida civil e apesar das emoções de combate, causar a execução dos movimentos indispensaveis à missão".

Todo o indivíduo, salvo os casos de anormalidade, traz desde o berço o instinto de combate. A criança ainda incipiente no mundo, grita, esperneia, dá cabeçadas, morde, enfim, realiza movimentos de ataque ou defesa conforme a situação. Em lugar de privar o homem desde a infância desse direito que a natureza lhe deu, é necessário orientá-lo sabiamente, imprimindo direção adequada, regulando suas disposições mediante normas pedagógicas de modo a excitar, principalmente a rivalidade de cunho coletivo que em sua expressão mais alta será a defesa nacional. Geralmente o rapaz chega à caserna trazendo como lastro o somatório dos êrros educacionais que seus pais irrefletidamente lhe legaram: crendices, medos, reflexos perniciosos, vicios, complexos de toda a natureza fazem do elemento humano recrutado materia prima dificil de trabalhar, dada a diversidade incontavel de aspectos. O problema do instrutor é pois muito vasto. Não basta conhecer os clássicos esquemas de ação de sua arma, não basta saber a fundo as possibilidades do armamento, ou ter noção exata dos processos modernos de instrução se ele não for mentalmente capaz de tornar o instruendo apto a receber todos esses ensinamentos.

Como fazê-lo ? Eis uma pergunta fácil de responder, mas dificil de executar praticamente: - despindo-o dos defeitos pessoais pelo trabalho contínuo de assistencia, persuação, exemplo, repetição do que é certo tanto quanto possivel executando, em melhores palavras, fazendo adormecer se não for possivel extirpar, os caracteres negativos enquanto desenvolve os instintos assim depurados para sua finalidade: o combate.

A mudança do regime de vida: horário, alimentação, exercício físico, repouso compensador, etc. por si só constituem o excelente princípio que torna o homem mais sensivel e receptivo aos novos rumos que lhe serão determinados.

Meios adequados para estimular e manter sempre adestrado o instinto de combate são: o atletismo, a luta, o box, a esgrima, o foot-ball, o basket-ball, e toda a gama de esportes individuais e coletivos cuja finalidade não é somente desenvolver os músculos e o físico, mas tambem as aptidões mentais para a luta. A educação física faz com que o homem retorne à natureza, "mãe dadivosa" que a civilização dele apartou; cria a rivalidade dirigindo-a para fins nobilitantes.

Tivemos há bem pouco os exemplos da Alemanha e do Japão, nações por excelencia militaristas onde a educação e a cultura física fizeram os super-soldados muito conhecidos de nossos pracinhas na Campanha d'Italia.

Se formos um pouco mais longe nessas considerações, concluiremos que o estímulo que esse espartanismo produziu, chegou ao extremo de tornar imperiosa para aquelas co-

CONTINÚA NA PAG. SEGUINTE

CONTINUAÇÃO DA PAG. ANTERIOR

letividades assim desenvolvidas, a expansão extra-fronteiras em busca de novos adversários que satisfizessem a sua eterna ansia de combater. Cabe aqui uma observação: a hegemonia e direito ao melhor padrão de vida são atributos do povo que se mostra mais coeso e militarmente preparado.

Os aliados para subjugarem seus adversários na última guerra, precisaram tornar-se pelo menos iguais a eles em qualidades militares; a superioridade em material encarregou-se do mais.

Outro instinto positivo na preparação é o de agregação; tendencia que tem o homem de grupar-se com os seus semelhantes, principalmente quando estes apresentam inclinações paralelas. Utilizando a caserna regulamentos únicos e especializados, se contar com chefes de caráter firme e justo, será um campo fértil para o desenvolvimento desse instinto sadio.

É para isto indispensavel que aqueles que tem a incumbencia de orientar a tropa, mantenham atitudes uniformes em casos idênticos a fim de que não surjam máguas, rivalidades e ressentimentos que podem minar e neutralizar essa tendencia inata no homem de associar-se.

O estímulo mais eficaz do instinto de agregação é crear objetivos e idéias comuns, como sejam: conquista de troféus esportivos, destaque em apresentações públicas, mística de ser melhor em determinada ação, enfim tudo o que possa incentivar o trabalho coletivo.

Certo é que o chefe incapaz de despertar nos subordinados o entusiasmo por um ideal comum, estará sacrificando grandemente a instrução, porquanto os reflexos de companheirismo, confiança mútua, desejo de ser util desenvolvem-se na paz, se quizermos que na guerra se transformem em sacrifício e [illegible].

O instinto de imigração, tendencia cuja [illegible] principal é obter melhores condições de vida que as proporcionadas pelo ambiente [illegible], econômico, político e social em que o homem atúa, é uma grande arma de que podem lançar mão os governos. Quando um povo é premido por aquelas circunstancias a solução encontrada por muitos povos tem sido o desenvolver militarmente a ponto de não ser mais suportavel a tranquilidade dos tempos de paz. Assim fizeram os totalitarios e os imperialistas de todos os tempos. Não há força que não busque sua expressão no efeito.

Para nós, povo jovem, sem formas nem idéias definidas, habitando uma terra onde o indispensavel à subsistencia está longe de causar a fome de multidões, como sucede em diversos paizes da Europa, é cêdo ainda para explorarmos esse instinto. Devemos antes desejar a imigração de extrangeiros que venham cooperar no aumento de nossas riquezas, de tal modo organizada que os impeça de fazer de nosso território a continuação dos ideais de sua pátria, optando pelos nossos.

Passemos agora às tendencias negativas.

Dentre elas ressaltam os instintos de ocultação e de fuga.

Estes são provocados ora pelo desejo de viver, ora pela deprimente emoção do medo. O último é especialmente perigoso porque afeta o individuo originando uma série de reações fisiológicas de fácil contaminação nos grupamentos sociais. Desde o receio, forma branda, racional quando o perigo não parece iminente, até o terror, sensação violenta capaz de levar um homem até à loucura, a mortalha do medo e dos maiores obstáculos com que um chefe pode se defrontar no combate, porque se exteriorisa nos momentos de crise, quando se tornam paliativos quaisquer atitudes repressivas. O individuo atingido por essa forte emoção está sujeito às ações mais desordenadas como refugiar-se, desertar, retardar a marcha, fingir-se enfermo e ferido, simular auxilio aos companheiros feridos, etc. Ocultação e fuga, eis dois grandes problemas a contornar pela educação na caserna principalmente desenvolvendo energias latentes e decisão no soldado, em suma despertando o instinto de combate paralelamente a um tratamento médico adequado a cada caso. Se o mal é de ordem psiquica um especialista será um excelente coope[illegible]ca, o médico da Unidade orientará a cura ou pelo menos a melhora...

Duas influências opostas e igualmente ativas são o amor à aprovação e o medo à reprovação. A primeira reúne os complexos de superioridade e a última os de inferioridade. Tendencias poderosíssimas capazes de construir quando na mão de um chefe bom e destruir como reação a uma inhabilidade. É muito próprio do homem julgar os demais com rigor e intolerancia; ansiando descobrir defeitos enquanto esquece as qualidades alheias ou as trata como obrigação rotineira. É essa uma falha psicológica muito perigosa para os chefes, porque o estimulo e o rendimento interdependem inseparavelmente desde que se considere como real a liberdade humana e ilegal o trabalho escravo.

Todo militar gosta de ver elogiadas as suas aptidões particulares e desde que as veja reconhecidas sinceramente por seus superiores trabalha com redobrado elan no sentido de superar a si próprio.

Por outro lado mostra-se coibido, silencioso, temeroso quando seus erros são proclamados e mal reconhecidos os seus dotes positivos. O chefe equilibrado não age com seus subordinados partindo exclusivamente do ponto de vista subjetivo. Tem obrigação de analisar as causas de um erro ou de uma bôa prática antes de fazer sentir sua autoridade. Na maioria das vezes o erro se atenúa e a bôa ação perde um tanto da pressão inicial. Opera sempre melhor resultado o incentivo do que a punição, e, com a continuidade desse modo de comandar, a tropa se mostra mais ativa, mais apta na aprendizagem. O bom humor que é a situação mental em que o homem produz melhor. Para não me estender mais nesse trabalho quero finalizá-lo com a frase de um civil que soube compreender o lado humano do Exercito: OLAVO BILAC.

Disse ele: "A caserna é filtro admiravel em que os homens se depuram e apuram".

TORNEMOS CADA VEZ MAIS INSOFISMAVEIS ESSAS PALAVRAS ...

****

O VIAJOR

Pelo Sargento Mario Perozzo

Sina, sorte ou fado, sinônimos da grande palavra vida, palavra misteriosa com um mais misterioso futuro. Os astrólogos procuram desvendar-lhe os acontecimentos nas estrêlas do céu, a cigana nas linhas curvas da mão, o mago consultando seres fantásticos; mas a futura sorte do homem se oculta sempre mais... Muitos há que pensam já estarem traçados os acontecimentos de cada ser humano antes de nascer, ou como o chamam - "destino".

Em sombra de frondosa árvore estava um jovem em páginas floridas de grande livro, quando um viajor se lhe aproxima e diz:

- Jovem, que lês tu com tamanha atenção ?

- Leio os costumes e as paragens de longínquas terras, leio e choro por não ser como tu viajor; meu sonho de adolecente é de conhecer com os próprios olhos outras plagas, falas e outras raças, vêr diferentes costumes. Amigo viajor, porque deu-me Deus tão rude destino de ser aleijado e permanecer durante toda a vida nesta cadeira?

- Amigo - disse o viajor - agradece a Deus não ter te dado o meu "destino" que tu tanto almejarias. Sou um viandante que a cada passo deixo cair uma lágrima de saudade, tenho por companheiro o pó das estradas, sigo sempre em busca do que está além, passo por lugarejos, vilas, cidades, campos, vejo a miséria humana em cada curva, não tenho prazer, só trago recordações do passado que vai distante, caminhando noite e dia, levo a sêde e o cansaço. Quem te inveja o destino sou eu, - tu nesta cadeira viajas o mundo através dos livros; viajas com a mente pelas solidões geladas do Ártico, pelas areias causticantes dos desertos, pelas praias espumantes dos continentes, pelos picos das altas serras, sem nunca te cansares; tua inteligencia é arguta, a biblioteca do teu pai é farta, teu destino é melhor do que o deste peregrino da sorte.

- Mas porque viajas então meu bom homem ? Porque não ficas também a porta da casa a lêr como eu ...

- Meu filho, não sei lêr ! ...

Os Olhos

Duilio Caldeira Lott

"Olhos, janelas da alma". Ouví ou lí isto há tempos, não sei quando nem onde, mas conclúo agora, que esta frase exprime tudo que se poderia dizer sôbre os olhos.

Olhos verdes, sonhadores e traiçoeiros, os azuis, serenos e calmos, olhos negros misteriosos e vivos, sempre a observar. Por fim os castanhos. Sôbre êstes é dificil dizer qualquer cousa, pois, ora trazem em si um mundo de mistérios, ora de calma e inexpressão.

Quando se quer exprimir o preço exorbitante de um objeto ou da satisfação de um capricho costuma-se dizer: "Custou-me os olhos da cara".

Com isto, vê-se em que elevado apreço são tidos os olhos... Através dos séculos, os olhos das mulheres vêm provocando derrocadas de impérios e reinos, lançando exércitos no campo de luta e destruindo vidas, inspirando canções e poemas, causando suicídios e assassinatos.

Tudo o que nos vai na alma, nos mais escuros recantos do nosso eu, traduz-se pela expressão do nosso olhar: O terror, ódio ou ansiedade que nos domina. O amor, êste sentimento que os sábios, poetas e literátos sempre tentaram em vão exprimir em palavras, tem nos olhos de quem ama a sua expressão fiel e exata.

Eu conheci uma menina, dona de uns olhos encantadores. Chamava-se Elza e várias pessoas que a viam de perto ficavam cativadas pela beleza límpida e inocente daqueles olhos. Lembro-me, como se fosse hoje, do trágico acidente com que a mão do destino a levou deste mundo. Recordo-me tambem daquela criança vestida de branco, estendida numa mesa entre quatro círios bruxoleantes. Chegavam os colegas e fitavam hesitantes aqueles olhos inexpressivos, recobertos pela tênue fumaça da morte, como prestando um culto silencioso de adeus àqueles olhinhos que na vida foram os mais belos de minha cidade.

Elzinha, escuta-me, onde quer que estejas, até hoje ainda sinto saudades dos teus olhos...

Os olhos dizem muito da personalidade de cada indivíduo, ou melhor, dizem tudo! Uma alma pura e inocente, um anjo de bondade e ternura, os tem diáfanos como gôtas de cristal.

Os olhos de um criminoso, de um ladrão ou assassino nunca são capazes de suportar um duelo com os de uma pessoa honesta e justa. São sempre esquivos e desconfiados, receosos mesmo.

Enfim, meus amigos, não há arma mais poderosa, mais convincente ou sublime, arma que penetre tão fundo o coração, ferindo a alma, como dois olhos suplicantes ou revoltados, arrependidos, ou ternos, marejados de lágrimas a nos fitarem.

A muralha da nossa relutância ou ódio não resiste, nunca resistiu, nem resistirá jamais a esta arma silenciosa!

Vós, olhos verdes è azuis, pretos ou castanhos, que neste momento percorreis com tédio ou interesse estas linhas que vos dedico, lembrai-vos sempre: " Sois as janelas da alma ".

* * * * * * * * * * * * *

O ESPORTE E O DESPORTISTA

TEN TITO AVILEZ

O tema que me proponho considerar tem sido alvo de muita discussão; vou tratá-lo despretensiosamente.

O esporte é um jogo que praticamos quando competimos. É pois um jogo complexo que além de exigir a técnica de jogar implica a cada competidor impor sua vontade sôbre um adversário. Não basta atirar bola ao cêsto bem, é preciso jogar e fintar o marcador para que lhe permita atirar e ganhar. Creio que está bem distinto.

Todo o estudo que se fizer sôbre o jôgo é extensivo pois ao esporte como um plano de cultura mais complexo que representa.

CHUTAR PEDRAS

O jôgo, no conceito de Groos, é um exercício preparatório para a vida séria. Ainda que discordemos em parte do enunciado da tese em que afirma ser preparatório, de qualquer forma o jôgo tem uma íntima relação com a vida real. Tem funções incalculáveis na formação do homem. Biològicamente falando, ele tem uma vasta utilidade (Carr).

É um estimulante do crescimento e atua diretamente sôbre o sistema nervoso. É comum quando estamos com raiva, bater com a porta, dar socos em paredes, chutar pedras, etc, e tudo isso faz bem. O estado fóbico torna-nos muito agressivos e precisamos então gastar nosso potencial. Contudo o nivel de nossa educação não permite que nos manifestemos assim. O melhor é não deixar transbordar e operar cautelosamente como um "ladrão em caixa d'água". É muito melhor descarregá-lo numa pedra do que na esposa ou no companheiro; se assim é, porque não aplicar esta agressividade numa bola ou num jôgo que nos atraia e absorva? Não é nova essa terapêutica e a experiência tem mostrado que onde o esporte é bem praticado as contendas são eliminadas, não só pelo fator psicológico, (agressividade) mas ainda por diversos outros motivos que passarei a enunciar desataviadamente.

DESCANSATIVO

Após algumas horas de um trabalho qualquer, é recomendavel a prática de um jogo ainda que estejamos cansados.

É paradoxal que uma pessoa após o trabalho vá descansar numa praça de jogo movimentando-se ainda mais. O fato é que os efeitos fisiológicos do jogo são descansativos cumprindo-me aquí nesse trabalho dado a sua natureza, argumentar de leve. Quem fica deitado muito tempo descansa ficando de pé. O descanso é produzido pela mudança de atividade.

PROGRESSO SOCIAL

O jôgo traz progresso social pelo convívio que apresenta com os participantes; em se falando de esporte, muito maior convívio acontece pelo aspecto da fórmula olímpica que se reveste de ganhar ou perder jamais operando desvalorizar o adversário. Um adversário perde satisfeito quando sabe que perdeu mas que realizou jogadas que poderiam levá-lo a ganhar. Vale a pena jogar, quando somos respeitados pelo adversário. Não cabe comentário sôbre como se pratica esporte aquí no Brasil pois não quero apagar o fulgurante brilho desta Revista.

TRANSMISSÃO DE IDÉIAS

– Lembro-me de Machado de Assis –

"Uma palavra, um gesto, um olhar só bastava". É o esporte uma cultura que desenvolve no jôgo um câmbio de idéias e combinações de pensamentos escrevendo letra por letra, ao preço de intuição operosa o esperado nome da V I T Ó R I A.

DIVERSÃO

"Tudo tem o seu tempo determinado ... tempo de chorar, tempo de rir, tempo de prantear e tempo de saltar (Salomão)!"

Já êste sábio escreveu em confirmação à necessidade que tem o homem de manifestar em sua existência, a "alegria de viver". Toda característica de atraência de um jôgo assegura a sua concurrência. O trabalho psicológico, biológico e social que o jôgo realiza no homem, manifesta seus efeitos pela alegria. Uma praça de esportes, já constitui o maior argumento destas considerações.

FINALMENTE

A personalidade é definida pelos aspéctos efetivos e caracterológicos da individualidade. Sôbre tudo para esta segunda parte convem notar que o jôgo revela o que o homem é.

Uma jogada desleal revela um traço personífico:a deslealdade. A recíproca é verdadeira, pois os traços da personalidade, se revelam no jô Como é uma diversão e um processo educativo, aproveitemo-lo para educarmo-nos treinando ou ampliando a nossa caracterologia individual. Os instintos precisam ser exercitados ou completados por meio de novas aquisições (Claparede) e o jôgo satisfaz plenamente essa exigência de nossa formação.

Já que apresentei algumas opiniões, de biólogos, psicólogos, sábios e pedagogos sôbre o assunto, convido o caro leitor a uma conclusão-: vamos jogar em seu tempo como nos aconselha Salomão em seu livro do EClesiastes, e certos de que o jôgo é um ensaio para a nossa vida, um remédio para nossa mente, um estimulante para o nosso crescimento biológico e social apliquemo-lo concientemente evitando consequências desastrosas e multilaterais. Fazer apostas não é jogar. Um jôgo mal praticado vai operar uma frustação que dificilmente o homem se liberta, tornando-o desvalorizado no meio em que vive.

Por isso, tendo em vista a alta missão que realiza, afastemo-nos do falso conceito de jôgo que póssa apagar nossas virtudes ou fascinar o homem levando-o a misérias morais. A despeito ainda de quem joga, não só pratica aquele que joga, mas o que assiste, torcendo. comentando ou destorcendo; eu porém prefiro um lugar no campo do que mil na assistência.

...rasileiro

Do Aluno HERALDO LUIZ CARDOSO

"Basta de Pã, de Netuno !
Deixa a Grécia ! Deixa a Itália !
Deixa a fonte de Castália,
que, de há muito, já secou !
Vai beber as águas frescas
de uma cacimba, que é tua,
onde, à noite, a nívea lua,
seus versos brancos deixou. "

A tradicional fibra poética do brasileiro é conhecida no universo como das mais típicas e sentimentais.

Entre os nossos inúmeros e respeitáveis poetas, um deles conseguiu de modo singular, galgar os degraus da glória e da popularidade: CATULO DA PAIXÃO CEARENSE, que nasceu a 8 de Outubro de 1863, na cidade de S. Luiz do Maranhão.

Poéta, teatrólogo, músico e cantor, foi êste homem o exemplo da nossa geração para o nosso futuro.

Só êle soube com tanto amor cantar o Brasil, só êle harmonizou com tanto ardor e beleza as palavras de "Luar do Sertão", que é a mais benquista de tôdas as nossas músicas populares na Europa.

Digno das mais honrosas homenagens, procurou sempre levar aos mais longinquos recantos do mundo as canções e poesias que tão docemente falavam da nossa querida Pátria.

É raro existir alguém que fale tão sublimemente à sua terra-natal; é raríssimo encontrar-se um coração tão afetuoso e nobre como o daquele nosso saudoso patrício.

Em todos os seus livros procurou dar sem-re uma referência àquele torrão que êle nto amou! Em todo e qualquer trabalho seu, mpre agiu entre suas inspirações um belo nhão do elevado sentimento do amor à Pá-a !

A sua simplicidade invulgar o caracteri- como alma perfeita de um grande artis- Em "Caminho do Sertão", podemos sentir ue singularidade êle fala ao ser- :

Os seus versos, seus poemas, suas canções, tudo enfim que compôs foi tão genial e expressivo como qualquer obra de Strauss, Chopin ou de qualquer outra celebridade.

Foi êle a voz lírica da alma brasileira que ofertou o seu quinhão do saber à intelectualidade poética e musical do universo!

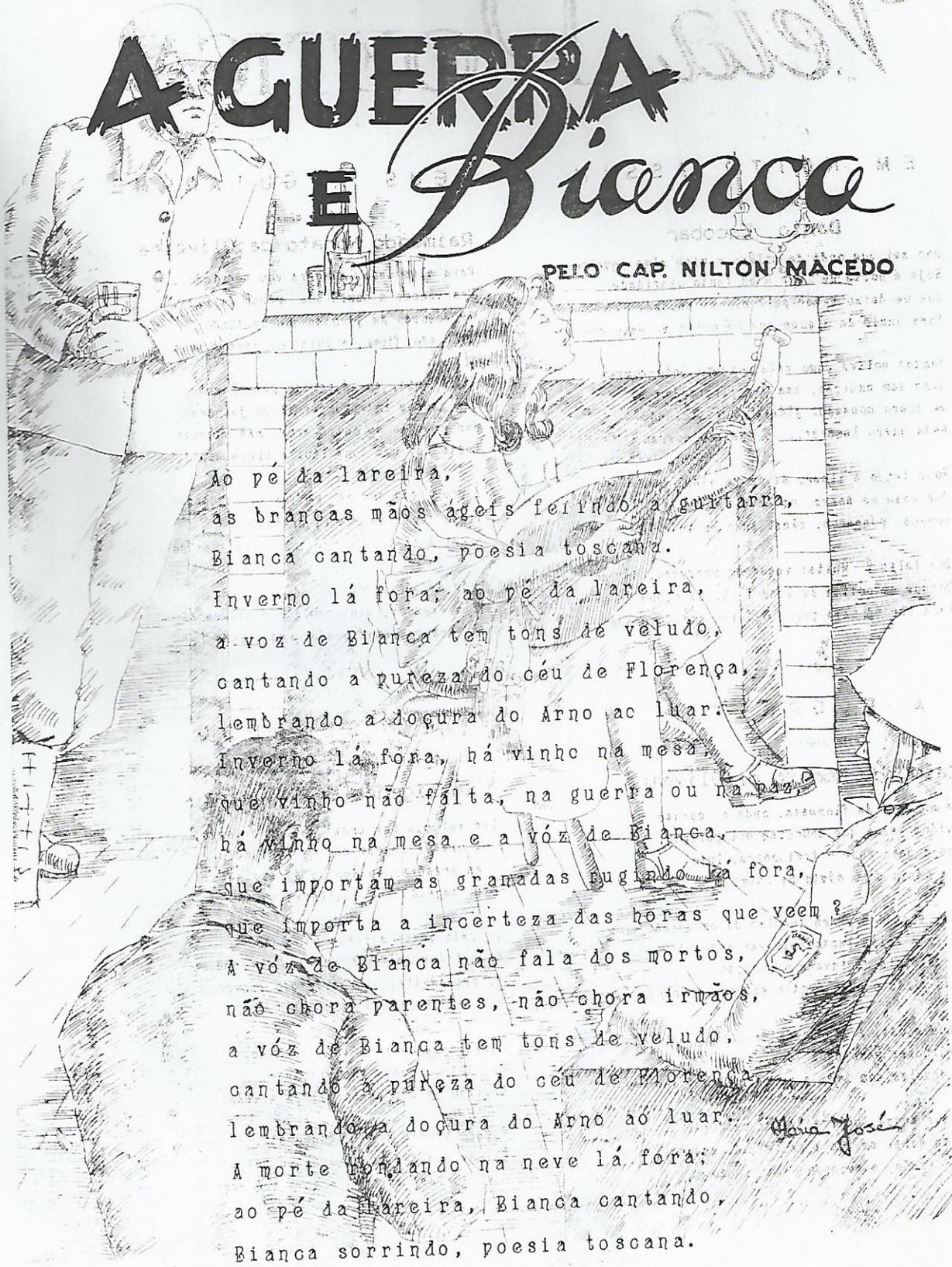
Foi Catulo, como poucos, quem recitou os mais íntimos costumes da nossa terra, e quem tão ardorosamente cantou o nosso luar, nossos campos, nossas florestas e finalmente tudo que encerra o imenso e magestoso conjunto natural da paisagem brasileira.

Há pouco o Brasil enlutou-se com a perda daquele grande soldado da vanguarda de seus dotes sentimentais: o nosso Catulo cerrou os olhos para sempre, e para sempre deixou o seu nome gravado entre aquêles que mais honraram esta Pátria, que tanto amamos e a quem tanto devemos amar.

A data de 10 de Maio de 1946, veio trazer-nos o grande choque de nos separarmos fisicamente daquele nosso ilustre irmão.

– Não te esqueceremos nunca, oh glorioso patrício! Guia com a tua fibra tão nobre e bela de homem típico, artístico, intelectual e patriótico êste povo que tanto te quer! Teu nome será lembrado com saudades pela nossa gente, e a tua "Luar do Sertão" será para sempre querida pelo mundo da boa música. Teus poemas serão exemplo de harmonia poética e tu, oh notável Catulo, permanecerás eternamente no coração da família brasileira.

A GUERRA E Bianca

PELO CAP. NILTON MACEDO

Ao pé da lareira,
as brancas mãos ágeis ferindo a guitarra,
Bianca cantando, poesia toscana.
Inverno lá fora; ao pé da lareira,
a voz de Bianca tem tons de veludo,
cantando a pureza do céu de Florença,
lembrando a doçura do Arno ao luar.
Inverno lá fora, há vinho na mesa,
que vinho não falta, na guerra ou na paz,
há vinho na mesa e a vóz de Bianca,
que importam as granadas rugindo lá fora,
que importa a incerteza das horas que veem ?
A vóz de Bianca não fala dos mortos,
não chora parentes, não chora irmãos,
a vóz de Bianca tem tons de veludo,
cantando a pureza do céu de Florença
lembrando a doçura do Arno ao luar.
A morte rondando na neve lá fóra;
ao pé da lareira, Bianca cantando,
Bianca sorrindo, poesia toscana.

Maria José

Veia Poética

EM NOITE ASSIM

Pelo aluno

Dario Escobar

Nao sei que onda de enlêvo a minh'alma envolveu,
Hoje é noite de luar e há tanta claridade;
Que me deixo levar pela mão da saudade
Para junto de alguem que há muito me esqueceu.

Tantas noites como esta o tempo interrompeu
Vida sem ambição, asa sem liberdade
Se acaso consegui glória ou felicidade
Nada quero lembrar... o passado morreu

Hoje tenho a ilusão de outra vida, outro fim,
Uma casa na serra, um cavalo, um balanço,
pombos, pássaros, cães, tudo em volta de mim.

Sou feliz ? Muitas vezes me pergunto. Não sei;
Porque em noites de luar fecho os olhos de manso
Para ver de mais perto o único amor que amei.

A FLORESTA

Pelo aluno

Raimundo Nonato de Oliveira

Lá no seio da floresta, onde eu escuto
Ruidos vagos que anunciam mil perigos,
Com a mata rude e traiçoeira, luto
E a odeio como odeio os inimigos

Mas, quando a pedra tumular da escuridão
Sobre a selva lentamente vai descendo
A nostalgia me invade o coração
E eu sinto o odio dentro em mim, morrendo

É que a paz, a emanar da natureza
A murmurar para Deus longínqua prece,
Me envolve com toda a sua grandeza.

Eu que antes lhe bradava em maldição...
Nessa hora, em que a gente tudo esquece,
Como irmão, a acompanho na oração.

DEUS A GUIAR-ME

Pelo aluno

Raimundo Nonato de Oliveira

Para alem daquela serra vou seguindo...
Pra vencer a caminhada, penso em Deus,
No decurso da jornada vou sentindo,
Qual mão firme, a guiar os passos meus.

Entretanto, se há perigo pela frente
Que ameace interromper minha jornada,
Nao preciso de outra arma, mas somente,
Desta fé, que constitui a minha espada.

À proporção que os perigos vou vencendo,
Sinto fugir de uma inquietação,
E extranha paz, sobre minh'alma, vai descendo

Onde de júbilo me imunda o coração,
E ao Creador, sinceramente agradecendo,
Já murmuro, emocionado, uma oração !

TEU SEGREDO

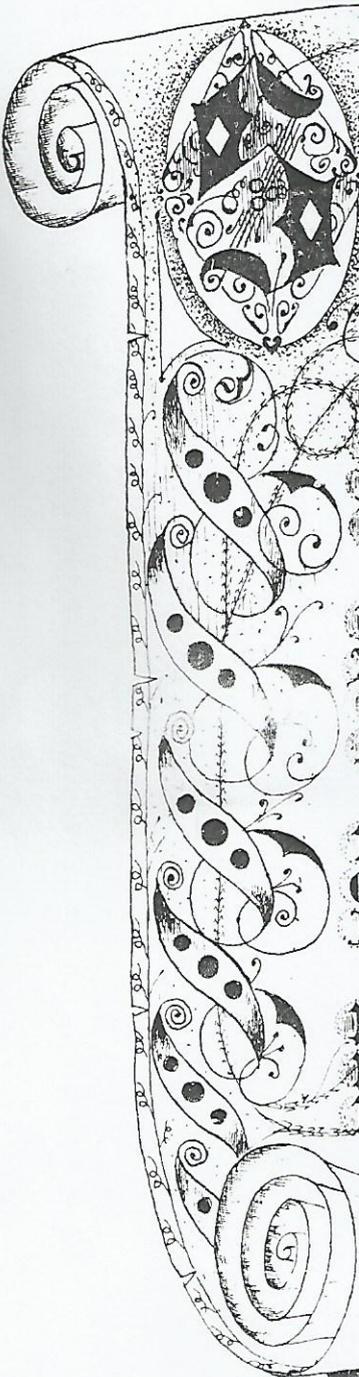
Pelo aluno

Sossigenes de Oliveira

Bem sei que fui cruel mas no entanto,
Foi mistér lancar mão de todo meio
Para arrancar de dentro do teu seio,
Este segredo que ocultavas tanto.

Em cada gesto suplicante, mudo
Na gelidez das mãos, no riso informe.
Eu pressentia, um sacrifício enorme...
Mas finalmente me disseste tudo.

Parecia-me ouvir quando falavas,
Um cântico suave que entoavas,
Repleto de expressão embora a mêdo...

E para provar quanto sou grato,
Hei de guardar tão bem o teu retrato
Como guardei em minh'alma o teu segredo.

Súplica
FERNANDO MOTA
E'cedo ainda oh! pálido coveiro,
O corpo meu no cárcere lançar.
Na solidão, no leito derradeiro,
Na sempre noite, em tétrico lugar.
E'cedo ainda oh! túmulo qu'espero,
A vil materia em pérfida agonia,
Que agonizante, em lúcida quimera,
Se decompõe em louca fantasia.
E'cedo ainda oh! fúnebre cortejo,
Oh! tumba triste, oh! leito que agasalha
Na terra fria ardente de desejo.
E'cedo ainda oh! fétida mortalha,
E'cedo oh! tudo, oh! morte que já vejo
Roubar-me a vida em sádica migalha.

UM CONTO DO ALUNO

FRANCISCO PEREIRA DE BARROS

****

Lá, muito longe, no cerúleo horizonte, pode-se lobrigar, por entre as trevas já aclaradas da madrugada, o perfil magestoso de uma grande náu. E um navio que singra rumo ao porto de seu destino. Lentamente, maneia-se formidavel como um titã, cortando o flutuante pelago que lhe cerca. É o grande batalhador da formidanda batalha que se lhe depara !... A pouco e pouco consegue, dificilmente, ir vencendo a nímia e nefanda impacatez das sibilantes ondas. O mar, antes furioso, já se está quedando; todavia aquí e alí, levantando-se uma e outra ondas com vislumbre sarcástico e ameaçador. Mas, acalmam-se gradativamente. Agora, o mar já está sereno, langue, no seu balouçar de gigante. O dia já se alumiou de todo, já é refulgente; o sol, astro rei, já mergulha seu rosto ardente nas relvas de suaves odores, já domina a terra, já transfere os seus fulgores às torrentes de líquidos cristais.

Dentro do navio, ouvem-se falas, gritos e comandos. E a vozeria da magnifica tripulação nos preparativos das atividades quotidianas. Vultos são vistos por toda parte.

Vem-se, alí num recanto da prôa, dois perfís diferentes: são dois amigos que alí se acolheram para pescar. Um é Herbert, jovem robusto de treze anos, filho único de uma das mais ilustres famílias que compunham a equipagem da colossal embarcação, outro, "Tommy" é um belo cão de raça. São amigos e amigos inseparáveis. O que um dedica ao outro é o que este consagra a sí: um dedica seu afeto, amor, enquanto o outro consagra seus deleitos e sua fidelidade. Aquele dedica os carinhos doces de seus agrados gentis, êste consagra toda sua vida. Mas antes e mais que tudo, são companheiros de infância e estão a pescar... Já é tarde... O vento já está a soprar forte, está se enfurecendo o mar. As ondas abalam-se, agitam-se, estremecem-se. Sibila o vento e sussurram as ondas - é a borrasca... Aumenta o alarido dos ventos que sopram de todos os lados - é a tormenta... Encrespam-se as ondas e encoleram-se os ventos mais e mais - é a tempestade... é o furacão !...

O belo jóvem é arrancado da prôa, e lançado ao mar, e afastado do navio. O Navio é abalado, sacudido formidavelmente. Um grito de dôr ecôa nos ares e confunde-se com o zumbido apavorador do vento. A marinhagem povoa, espavorida, todos os lugares descobertos do do enorme transatlántico.

Nesta hora de angústia o cão, que se tinha afastado, lembrou-se de seu amigo, sentiu sua falta, e, por fim, decidido, corre por entre a tripulação inquieta à procura de de seu amigo que se estorce inutilmente ao arrojar das pérfidas ondas. Chega à prôa e olha por todos os lados. Surgem-lhe idéias... Nos seus olhos, luz um pensamento: lança seus olhos sobre as águas e divisa a figura de seu maior amigo a debater-se contra o mar que inspira terror. - Não hesita: cai nas águas e nada cortando as ondas que lhe rebatem violentamente e parecem dominá-lo. Já está sem esperança de salvar-se, pois luta agora pela sua salvação e a do companheiro.- É impossivel!... está vendo seus esforços serem frustados e sua esperança falir. Chegou ao auge daquela agonia. O vento sopra cada vez mais colérico e as ondas cada vez mais furiosas. - Súbito! uma onda gigantesca açoita o pobre cão com tanto ímpeto que êste cai perto de seu amigo exausto. Depois dessa, mais uma onda, mais outra, o impulsionam, e por fim os dois amigos de infância tocam-se, abraçam-se, juntam-se. - É um só corpo que luta agora... O mar continua inspirando terror. Os dois amigos são arremessados impiedosamente... estão vencidos!...

Mais um sibilar de ventos... Mais um sussurrar de ondas...Mais um suspirar de desilusão...Depois...mais um grito de dôr repercute nos ares e... os amigos submergem-se nas ondas, de repente.

E os amigos inseparáveis jamais se separaram!...

Panorama da ENGENHARIA MILITAR BRASILEIRA

CAP. IVAN DE SOUZA MENDES

I - INTRODUÇÃO

Julgamos oportuno escrever, como contribuição para a *"Revista da E.S.A."* um trabalho de caráter geral expondo o panorama atual da Arma de Engenharia destinando-o, sobretudo, à meditação dos futuros sargentos de Engenharia os quais, como profissionais da carreira das armas, devem se interessar também pelos problemas de ordem geral que se ligam aos trabalhos rotineiros da atividade dos quarteis.

2 - AS ATRIBUIÇÕES GERAIS

De acôrdo com os nossos regulamentos ultimamente editados, obedecendo já aos novos tipos de organização calcados no Exército norte-americano, são muito variadas e muito complexas as missões normàlmente atribuidas à Engenharia. Deve ela, atender simultâneamente às exigências do combate, atuando como ARMA combatente e também prover a distribuição, manutenção, e aperfeiçoamento de todo o material de Engenharia do Exército, atuando, então como SERVIÇO.

Na prática, essas duas modalidades de ação da Engenharia se interpenetram tornando-se difícil uma distinção exata da natureza de certos trabalhos.

3 - AS UNIDADES DE ENGENHARIA

Para atender às exigências do combate, dispõe então a Engenharia das Unidades de COMBATE, que são os Batalhões de Engenharia. Estes Batalhões se diversificam conforme a natureza das Grandes Unidades a que pertencem (Divisões de Infantaria, Cavalaria, Blindada ou Especial), quer na constituição do pessoal, quer no seu equipamento material.

Além dessas unidades que atendem a todas as missões ligadas diretamente ao combate, a Engenharia deve possuir as unidades de serviço para atender as missões especiais e dai sua organização prover as companhias de equipagem de pontes, topográficas, de camuflágem, de abastecimento dagua, de Depósito, de Manutenção e de Serviços Gerais.

Na nossa organização atual alem dos Batalhões de Engenharia de Divisão de Infantaria e de Divisão de Cavalaria, só existem as Cias. de Equipagem de Pontes aliás subordinadas aos Batalhões por conveniências administrativas. Há assim muito o que fazer para permitir à Engenharia cumprir todas as missões que o combate moderno lhe exige.

Temos ainda a assinalar com pertencendo à organização atual de Engenharia os Batalhões Rodoviários e Ferroviários, encarregados de construção de estradas de rodágem e de ferro respectivamente, cujo traçado interesse aos movimentos estratégicos do Exército. Estão ainda subordinadas à Engenharia as unidades de Transmissões, sendo de esperar que em breve se organizem como arma inpendente, pela completa dissemelhança com as Unidades de Engenharia.

AS MISSÕES

Vale fazer aqui, para melhor esclarecimento do assunto, uma apreciação ligeira das missões de Engenharia. Estas se grupam conforme sua natureza nos seguintes titulos:

- comunicações *(estradas, pistas, pontes, etc.)*
- destruições *(emprêgo de esplosivos na zona de combate, na retaguarda e no território inimigo)*
- fortificações *(construção de obstáculos e fortificações)*
- instalações *(abastecimento dágua, energia elétrica e construções de toda a natureza)*
- combate *(segurança própria, missões especiais e participação no combate como tropa de Infantaria).*

O exame destas missões vai destacar o caráter eminentemente técnico dos trabalhos de Engenharia. Para atender a todas, ela se apresenta essencialmente mecanizada, com tarefas de grande vulto para atender em tempo exíquo fazendo intenso emprego da máquina para a execução dos seus trabalhos. O soldado de Engenharia é um especialista, encarregado de manter e operar o complexo material mecânico que tem à sua disposição constituido de tratores, planias, guindastes, caminhões, perfuratrizes, motores a gazolina e a oleo, bombas, compressores de ar, etc..

Continua na pág. seguinte.

Continuação da pág. anterior.

Além disso, tendo missões de combate o Engenheiro precisa estar treinado no manejo do armamento e nos principios básicos de tática de pequenas unidades.

O PANORAMA ATUAL

A Engenharia está numa fase de crescimento e, dadas as sujeicões econômicas a que está submetido o país, numa época de crise. Tem a Engenharia que mudar seus padrões de organização antigos, onde preponderava o trabalho manual, com a pá e a picareta, para os moldes modernos de trabalho mecanizado. Abstraindo as Unidades de estradas e transmissões, ainda são poucas em quantidade e em espécie as Unidades existentes. Os nossos Batalhões de Engenharia ainda não estão inteiramente dotados de material e por isso a instrução ainda não atingiu a um estado de equilibrio que sirva de base a um aperfeiçoamento sempre crescente. Uma primeira etapa, portanto, nesse desenvolvimento é a obtenção de uma instrução uniforme e eficiente em todos os Batalhões, e para isso, além da existencia do material, é indispensavel a edição dos manuais técnicos respectivos.

Urge, cuidar em séguida, da organização das Unidades de serviço ampliando assim de maneira concreta a capacidade de ação da arma.

A medida preliminar básica para assegurar um desenvolvimento rápido dos padrões de eficiencia da Engenharia seria a criacão de um Centro de instrução ou Escola de Engenharia, que servisse de laboratório para o estudo e edição dos manuais técnicos da arma, bem como campo de estudo, aplicação e aperfeiçoamento continuo dos equipamentos especializados. Além disso seria a Escola de Engenharia o local ideal para o aperfeiçoamento e a especialização dos quadros, a fim de dotar sempre as Unidades de pessoal competente e perfeitamente instruido no manejo dos mais variados instrumentos de trabalho.

Ha, assim, uma grande tarefa a cumprir para que a arma atinja um gràu de eficiência compativel com as necessidades de um moderno Exército. No momento atual, a Engenharia se debate nos primeiros impulsos de renovaçao e é indispensavel que esses esforços não se percam, orientando-se todos numa direção única que assegure o progresso desejado.

O PAPEL DOS QUADROS

Qualquer movimento renovador só se concretizará se houver vontade firme de progresso por parte dos quadros responsáveis. Na integração de todos os esforços, desde a ação dos chefes mais categorizados à laboriosa atividade diária dos sargentos nos quarteis, estará a base desse progresso.

A cada sargento de Engenharia formado na Escola de Sargentos das Armas cabe uma parcela de responsabilidade no desenvolvimento da Engenharia. Levarão para todos os quarteis da arma o espírito arejado e uma mentalidade militar sadia e nobre, alicerçados numa formação profissional sólida e tanto quanto possivel objetiva. Conhecendo os problemas da arma, suas atuais necessidades e os objetivos futuros a serem atingidos serão combatentes decididos na luta para a renovação. Nunca como agora o progresso da arma dependeu tanto da vontade de seus quadros de oficiais e sargentos, pois são amplíssimos os horizontes e muito poucos os pioneiros dessa grande obra.

Panorama da ENGENHARIA MILITAR BRASILEIRA

CAP. IVAN DE SOUZA MENDES

1 - INTRODUÇÃO

Julgamos oportuno escrever, como contribuição para a *"Revista da E.S.A."* um trabalho de caráter geral expondo o panorama atual da Arma de Engenharia destinando-o, sobretudo, à meditação dos futuros sargentos de Engenharia os quais, como profissionais da carreira das armas, devem se interessar também pelos problemas de ordem geral que se ligam aos trabalhos rotineiros da atividade dos quartéis.

2 - AS ATRIBUIÇÕES GERAIS

De acôrdo com os nossos regulamentos ùltimamente editados, obedecendo já aos novos tipos de organização calcados no Exército norte-americano, são muito variadas e muito complexas as missões normàlmente atribuidas à Engenharia. Deve ela, atender simultàneamente às exigências do combate, atuando como ARMA combatente e também prover a distribuição, manutenção, e aperfeiçoamento de todo o material de Engenharia do Exército, atuando, então como SERVIÇO.

Na prática, essas duas modalidades de ação da Engenharia se interpenetram tornando-se difícil uma distinção exata da natureza de certos trabalhos.

3 - AS UNIDADES DE ENGENHARIA

Para atender às exigências do combate, dispõe então a Engenharia das Unidades de COMBATE, que são os Batalhões de Engenharia. Estes Batalhões se diversificam conforme a natureza das Grandes Unidades a que pertencem (Divisões de Infantaria, Cavalaria, Blindada ou Especial), quer na constituição do pessoal, quer no seu equipamento material.

Além dessas unidades que atendem a todas as missões ligadas diretamente ao combate, a Engenharia deve possuir as unidades de serviço para atender as missões especiais e dai sua organização prover as companhias de equipagem de pontes, topográficas, de camuflágem, de abastecimento dagua, de Depósito, de Manutenção e de Serviços Gerais.

Na nossa organização atual além dos Batalhões de Engenharia de Divisão de Infantaria e de Divisão de Cavalaria, só existem as Cias. de Equipagem de Pontes aliás subordinadas aos Batalhões por conveniências administrativas. Há assim muito o que fazer para permitir à Engenharia cumprir todas as missões que o combate moderno lhe exige.

Temos ainda a assinalar com pertencendo à organização atual de Engenharia os Batalhões Rodoviários e Ferroviários, encarregados de construção de estradas de rodágem e de ferro respectivamente, cujo traçado interesse aos movimentos estratégicos do Exército. Estão ainda subordinadas à Engenharia as unidades de Transmissões, sendo de esperar que em breve se organizem como arma inpendente, pela completa dissemelhança com as Unidades de Engenharia.

AS MISSÕES

Vale fazer aqui, para melhor esclarecimento do assunto, uma apreciação ligeira das missões de Engenharia. Estas se grupam conforme sua natureza nos seguintes titulos:

- comunicações *(estradas, pistas, pontes, etc.)*
- destruições *(emprêgo de esplosivos na zona de combate, na retaguarda e no território inimigo)*
- fortificações *(construção de obstáculos e fortificações)*
- instalações *(abastecimento dágua, energia elétrica e construções de toda a natureza)*
- combate *(segurança própria, missões especiais e participação no combate como tropa de Infantaria).*

O exame destas missões vai destacar o caráter eminentemente técnico dos trabalhos de Engenharia. Para atender a todas, ela se apresenta essencialmente mecanizada, com tarefas de grande vulto para atender em tempo exíquo fazendo intenso emprego da máquina para a execução dos seus trabalhos. O soldado de Engenharia é um especialista, encarregado de manter e operar o complexo material mecânico que tem à sua disposição constituido de tratores, planias, guindastes, caminhões, perfuratrizes, motores a gazolina e a oleo, bombas, compressores de ar, etc..

Continua na pág. seguinte.

Continuação da pág. anterior.

Além disso, tendo missões de combate o Engenheiro precisa estar treinado no manejo do armamento e nos princípios básicos de tática de pequenas unidades.

O PANORAMA ATUAL

A Engenharia está numa fase de crescimento e, dadas as sujeições econômicas a que está submetido o país, numa época de crise. Tem a Engenharia que mudar seus padrões de organização antigos, onde preponderava o trabalho manual, com a pá e a picareta, para os moldes modernos de trabalho mecanizado. Abstraindo as Unidades de estradas e transmissões, ainda são poucas em quantidade e em espécie as Unidades existentes. Os nossos Batalhões de Engenharia ainda não estão inteiramente dotados de material e por isso a instrução ainda não atingiu a um estado de equilibrio que sirva de base a um aperfeiçoamento sempre crescente. Uma primeira etapa, portanto, nesse desenvolvimento é a obtenção de uma instrução uniforme e eficiente em todos os Batalhões, e para isso, além da existencia do material, é indispensavel a edição dos manuais técnicos respectivos.

Urge, cuidar em seguida, da organização das Unidades de serviço ampliando assim de maneira concreta a capacidade de ação da arma.

A medida preliminar básica para assegurar um desenvolvimento rápido dos padrões de eficiencia da Engenharia seria a criação de um Centro de instrução ou Escola de Engenharia, que servisse de laboratório, para o estudo e edição dos manuais técnicos da arma, bem como campo de estudo, aplicação e aperfeiçoamento continuo dos equipamentos especializados. Além disso seria a Escola de Engenharia o local ideal para o aperfeiçoamento e a especialização dos quadros, a fim de dotar sempre as Unidades de pessoal competente e perfeitamente instruido no manejo dos mais variados instrumentos de trabalho.

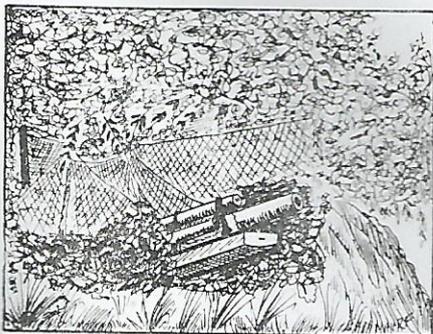
Ha, assim, uma grande tarefa a cumprir para que a arma atinja um gràu de eficiência compativel com as necessidades de um moderno Exército. No momento atual, a Engenharia se debate nos primeiros impulsos de renovaçao e é indispensavel que esses esforços não se percam, orientando-se todos numa direção única que assegure o progresso desejado.

O PAPEL DOS QUADROS

Qualquer movimento renovador só se concretizará se houver vontade firme de progresso por parte dos quadros responsáveis. Na integração de todos os esforços, desde a ação dos chefes mais categorizados à laboriosa atividade diária dos sargentos nos quarteis, estará a base desse progresso.

A cada sargento de Engenharia formado na Escola de Sargentos das Armas cabe uma parcela de responsabilidade no desenvolvimento da Engenharia. Levarão para todos os quarteis da arma o espírito arejado e uma mentalidade militar sadia e nobre, alicerçados numa formação profissional sólida e tanto quanto possivel objetiva. Conhecendo os problemas da arma, suas atuais necessidades e os objetivos futuros a serem atingidos serão combatentes decididos na luta para a renovação. Nunca como agora o progresso da arma dependeu tanto da vontade de seus quadros de oficiais e sargentos, pois são amplíssimos os horizontes e muito poucos os pioneiros dessa grande obra.

QUE SABE VOCÊ DA ARTILHARIA ?

Ten. Gualter Gill

A batalha atinge o auge. Granadas rebentam por todos os lados. Dou ordem ao meu Grupo de Combate para abrigar-se. Não há dúvida que estamos sendo batidos por morteiros inimigos. Já perdi dois homens. Súbito, depois de um lance, cai dentro da mesma trincheira em que me encontro um tenente. Reconheço-o. É o avançado de Artilharia. Agradeço a Deus tê-lo lançado alí naquele momento. Mas se está esvaindo em sangue. Vejo seu olhar fixo em mim. Em agonia me ordena: Transmita... Coordenadas meia duzia zero... dois três... meia duzia zero... dois três...

Emudece. Compreendo que não contaria mais com êle. Que significaria aquilo ?

É claro que ele estava querendo me dar as posições inimigas. Queria que eu mesmo pedisse os tiros da nossa Artilharia. Mas como se processa isto ? Nem sei como a artilharia consegue ligar-se com suas baterias lá atraz... Súbito, ouço o sibilar de uma granada, que rebenta a pouco mais de cincoenta metros. Sinto que tenho que fazer algo. Estou com o telefone do artilheiro na mão. Mas que fazer, meu Deus, que fazer ?

Você tambem poderá, um dia, estar nesta situação. Lembre-se de que na guerra a falta de conhecimentos pode lhe ser fatal, e tambem a seus companheiros. Sim, que sabe você da Artilharia ? Já lhe ocorreu a pergunta: Mas afinal, como é que nós pedimos o apoio da Artilharia ?

Pois bem, o Grupo de Artilharia, composto de três baterias, tem por principal missão apoiar a infantaria e a cavalaria.

Para que possamos centralizar estas três baterias, que estão espalhadas no terreno, com a maior rapidez possivel, isto é, sem perder tempo regulando, sôbre qualquer objetivo assinalado pela infantaria, dispomos de um orgão diretor de tiro, chamado central de tiro, ou mais comumente C. T.

Só consideramos uma Artilhariâ realmente eficiente quando ela estiver em condições de desencadear seus fogos de acôrdo com os pedidos vindos da frente quase que instantaneamente, sem regulações, para obter o máximo de surpreza.

Um dos maiores problemas com que nos debatiamos era o da ligação com os elementos de infantaria diretamente interessados em nossos tiros.

Realmente, só o infante, quando estiver sendo batido por metralhadoras ou morteiros inimigos é que poderá avaliar em toda a sua plenitude a importância de uma ligação bem feita com a Artilharia.

Cada minuto de espera dentro de uma trincheira ou de um abrigo improvisado parecerá um século quando sôbre a sua cabeça estiverem sibilando as balas de metralhadoras inimigas. E que alívio, que descarga de tensão nervosa, quando ouvir o cantar amigo dos projetís de sua própria Artilharia. Só mesmo o infante poderá nos dizer como lhe volta a confiança, como a sua moral se afirma, ao ouvir o arrebentamento do poderoso 105 sôbre as posições inimigas.

Na guerra moderna o Grupo de Artilharia destaca para junto do P.C. dos Batalhões apoiados Capitães de Ligação, que coordenam o trabalho dos observadores avançados, tenentes de artilharia, justapostos às Cias. em primeiro escalão, e que transmitem para a C. T., em linguagem de artilheiro, o que o infante deseja.

Agora, o observador avançado é o artilheiro sentindo a necessidade do infante, e pronto a vir em seu auxílio tão logo seja necessário.

Para que possamos, entretanto, satisfazer as necessidades da tropa apoiada com a máxima eficiência, temos que executar um trabalho preparatório cuidadoso. Um levantamento topográfico de precisão deve ser feito, para termos coordenadas das baterias e dos objetivos mais importantes. Os demais serão localizados em relação a estes. Uma prancheta de central de tiro perfeita deve ser confeccionada, para que seu pessoal possa centralizar o tiro das tres baterias sobre um único objetivo com rapidez.

As transmissões devem funcionar sempre bem. Para isso, temos que dobrar sempre os meios, pois não podemos nos arriscar a um imprevisto.

Continua na pág. seguinte

Continuação da pag. anterior

Entretanto, sem topografia, sem transmissão telefônica e sem a prancheta de tiros preparados da C. T. a Artilharia tambén pode atirar. É evidente, entretanto, que a rapidez do tiro será sacrificada pois serão necessárias ajustagens e regulações sumárias antes de podermos desencadear a eficácia.

Nas manobras escolares todo o trabalho preparatório para o tiro de Grupo é executado pelos sargentos-alunos, e todas as funções de comando de tenente ou sargento são por eles desempennadas, sem interferência dos oficiais instrutores. Como não dispomos de um Grupo de obuses 105, colocamos no local em que deveria haver uma bateria, sòmente uma peça para representá-la. Todo o trabalno de centralização, entretanto, permanece o mesmo.

Vejamos, num exemplo prático, como a nossa artilharia apoia a uma Companhia de Infantaria em 1° escalão. Junto ao Cmt. desta Cia. está o observador-avançado.

Cmt. Cia. - *Velhinho, estamos em apuros. Você está vendo aquele bosque alí na frente ? Pois aposto que lá dentro há no mínimo uma dúzia de metralhadoras atirando sôbre nós. Acabei de receber informação de que meu 1° Pelotão está sofrendo muito com aqueles tiros. Você pode...*

Obs. avançado.

- *Um momento, Capitão, já vi tudo. Vou ver si o Grupo pode atirar. Creio que só há uma bateria cumprindo missão no momento.*

Obs. avançado (para o Cap. Ligação pelo telefone).

- *Aquí lanterna Preta 29 - Missão de tiro.*
(O observador não faz mais do que dar seu próprio indicativo ao ligação e informa-lo de uma missão de tiro).

Cap. Ligação.

Aquí lanterna 24-1, Transmita mensagem via radio para C. T. (Devido aos constantes deslocamentos o oficial de ligação não dispõe, na maioria das vezes, de telefone para falar com a Central de Tiro, mas sòmente rádio. Graças entretanto, a um aparelho chamado "Controle remoto" êle está em condições de colocar o telefone do oficial observador avançado, como que por meio de uma extensão, na rêde radio do Grupo). Pode falar

Obs. avançado.

- *Aquí lanterna Preta 29 chamando Lanterna. Missão de tiro. Lançamento Ø31Ø. Do P. V. (Ponto de Vigilância) Direita 6ØØ Alongue 2ØØ, Metralhadoras em posição 15Ø x 1ØØ Eficácia.*
(Por meio desta mensagem o observador dá a posição do objetivo, sua espécie e dimensões, para que possam na C. T. calcular quais os elementos necessários para batelo).

Central de tiro

- *Aquí Lanterna respondendo. Concentração 4. Grupo Preto 29 - 48. Explosivas instantaneas. Eficácia.*
(Com esta mensagem a C.T. não somente confirma o recebimento da missão como informa que o Grupo vai bater o objetivo com munição explosiva espoleta instantanea).

Central de tiro

- (para cada uma das 3 baterias subordinadas, dando por cada um dos seus sargentos-calculadores especializados, por telefones em ligação direta, os comandos de tiro) *Bateria atenção. Concentração n. 4. Dezesseis explosivas cinco instantâneas. Deriva 2587. Sobre a segunda fechar 2. Sítio 291. Toda a bateria por quatro. T. O.* (tempo no objetivo) Alça 304.

Obs. avançado.

(Falando com o capitão comandante da Companhia).
Pronto Capitão. Parece que estamos de sorte. Não é que eles vão bater com todo o Grupo ? Vai ser direto eficácia.

Central de tiro.

- (após receber o "Pronto" das 3 baterias) - *Fogo !* (Este comando é dado pelos sargentos-calculadores, na C.T., simultâneamente, cada um à sua bateria, dirigidos pelo Capitão-adjunto do S/3, que é o Chefe da C.T. Graças ao T.O. todos os tiros do Grupo cairão ao mesmo tempo no objetivo, apesar das baterias estarem a distâncias diferentes do mesmo.

Central de tiro.

(para o observador avançado).
Grupo atirando !

Obs. avançado.

- (falando com o Cap. Cmt. da Companhia de Infantaria).

  Pronto capitão. Aí vêm os "cachorrinhos" ... Que tal. Chega ou precisa mais ?

Capitão.

- *Calma, rapaz. Deixe-me ver o resultados. Empreste-me o binóculo. Eu esquecí o meu no jeep lá na contra encosta. ... É, parece que eles ficaram quietos. Chega !*

Obs. avançado.

- (falando no telefone, via radio, para C.T.).

  Metralhadoras silenciadas. Missão cumprida.

Central de tiro.

- (para as baterias).

  Bateria repousar.

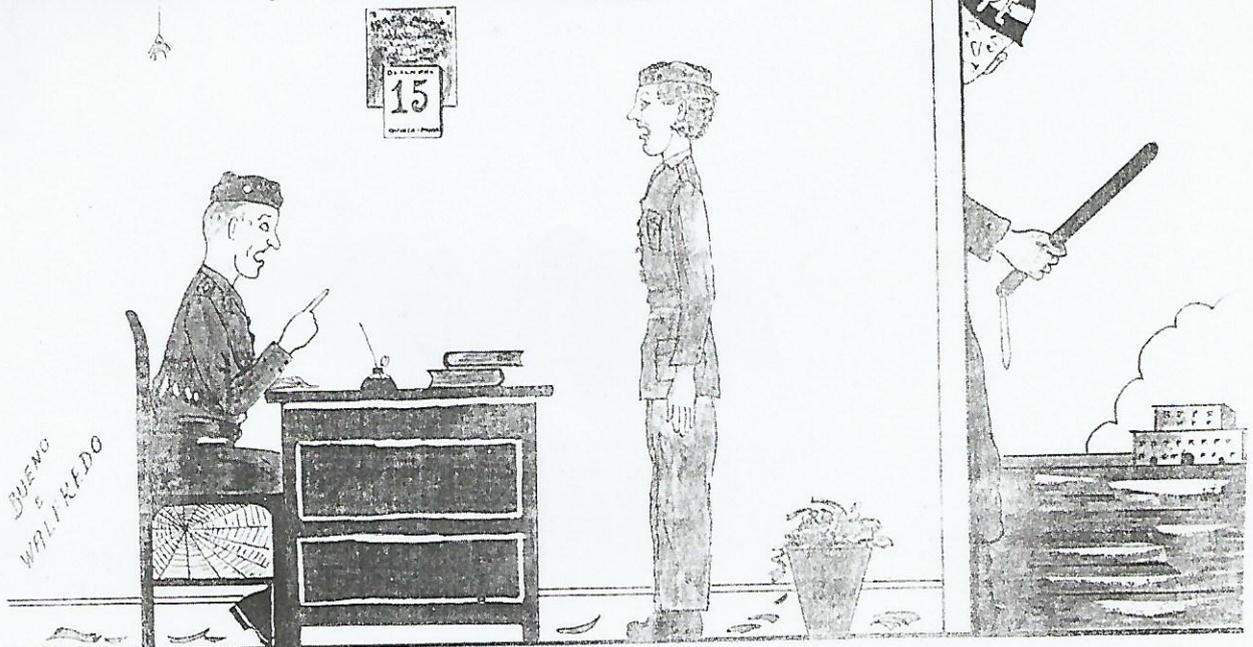
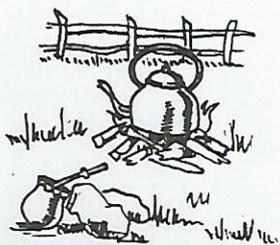
Como vimos, não pode ser mais simples: O observador avançado(ou quem o substitua) que se encontra na Cia. em 1° escalão está em contato com o oficial de ligação, que se encontra junto do Comando do Batalhão. A êle se dirige quando tem uma missão de tiro e o Ligação então coloca-o em contato com a C. T. Duas informações são indispensáveis à C. T.: a localização do objetivo, mesmo aproximada (em relação a um ponto bem marcante do terreno ou por coordenadas hectométricas, etc.) e sua natureza, isto é, si são metralhadoras, carros, morteiros, infantaria inimiga, etc. Mesmo quem não for artilheiro, mas usando de um pouco de discernimento, sob a orientação da própria C. T., poderá prestar aquelas informações.

No teatro de operações da Itália houve ajustagens de tiro de artilharia que foram terminadas por elementos de infantaria, ante a baixa do avançado. O caso não é, portanto, inédito.

De posse destes elementos a C. T. desencadeará seus tiros, cujos resultados lhe serão trazidos ainda por informação do observador.

Êste é o mecanismo desenvolvido por qualquer Grupo de Artilharia para apoiar a unidade de infantaria que lhe cabe. Esta tem sido a maneira de proceder da Artilharia da Escola em todas as suas manobras, onde seus alunos têm demonstrado um alto preparo técnico, pois sendo sempre o tiro em locais onde não há carta, todo o levantamento topográfico e todos os cálculos do tiro são não somente executados no terreno como procedidos a posteriori pelos sargentos-alunos sem nunca ter havido qualquer êrro.

Esperamos sinceramente que agora você tenha a Artilharia no seu devido lugar. Lembre-se dela na paz, aprenda a utiliza-la, para que ela não lhe falte na guerra, quando qualquer segundo mal aproveitado é contado em vidas humanas.

O AMIGO DA .... P.E.

- O soldado: Sub-Tenente, eu desejo um vale para cortar o meu cabelo
- O Sub-Tenente: Cortar cabelo, 538! O seu cabelo ainda dá para mais uns dias.

O Redomão

CONTO DO ALUNO Taes B. Oliveira

É, sem dúvida, o gaúcho rio-grandense, o Imperador dos pampas, o senhor absoluto das coxilhas, onde cavalga, altaneiro e pimpão no seu bagual bem aperado e de cola atada. Chapéu republicano de abas enormes, lenço de sêda atado ao pescoço e sôlto com desprezo pelos hombros, com seu poncho-pala, suas bombachas largas com duas carreiras de botões, suas botas rosilhonas, esporas de prata com grandes e rufaneiras rosetas, ei-lo todo faceiro que vai ao tranquito de seu pingo às carreiras de domingo.

Bonachão e alegre, um gaúcho dêste porte e brio, cavalgava num belo "doradilho"; em poeirenta estrada, nos primeiros dias de janeiro do ano de 1901.

João Francisco Salgueiro, pois era êsse seu nome, há 15 dias viajava a procura de trabalho. Por caminhos já palmilhados lhe haviam dado notícias de que nas terras de D. Raymundo, abastado fazendeiro, havia alguns redomãos para domar.

Homem decidido, domador de "elite", João Francisco Salgueiro, era um guapo moço de 26 anos de idade, testa bronzeada e negra cabeleira.

Descia o crepúsculo quando ao longe avistou a estância de D. Raymundo. Esporeando seu cavalo tocou a trote largo rumo à habitação.

Ao chegar procurou falar com o fazendeiro:

- D. Raymundo, por notícias que me deram, soube tèr serviço para mim.

Chamo-me Francisco Salgueiro, seu escravo e servidor.

- Que sabes fazer ? - Perguntou D. Raymundo.

- Sou domador - respondeu o peregrino.

Com o consentimento do estancieiro, o jovem gaúcho puxou seu cavalo para debaixo da ramada onde desencilhou e soltou-o à gramaverde. Feito isso, foi para o galpão juntar-se à pianada.

Serviu-se de uma costela assada é "caiu" no chimarrão enquanto ouvia um amador florear a prima do violão. Satisfeito seu apetite "pegou" no instrumento e modulou uma modinha de seus amores... E o canto pitoresco do poeta analfabeto espalhou-se pela noite, indo penetrar, atrevido, na alcova da bela Clarice, filha de D. Raymundo e prometida de D. Silvério. E a virgem "Morocha" sorriu e extasiou-se ao ouvir aquela voz maviosa... aquela melodia apaixonada.

A pedido, Francisco Salgueiro penetrou na casa da estância e, na sala principal, cantou e tocou para a bela virgem. E aquele primeiro encontro marcou o início de um romance.

Passaram-se os dias. Santos Reis se aproximava. D. Raymundo havia decidido por à prova a coragem do forasteiro naquele dia sagrado dia de festa e churrasco.

Preparavam a "cancha" para a cavalhada. Em tal disputa D. Silvério seria o Chefe dos Mouros.

Eis que chegára o dia esperado.

O local da peleja, de manhã cedinho, encontrava-se apinhado de gente fazendo suas apostas e discutindo suas idéias.

De ambos os lados da "cancha" encontravam-se os dois contingentes.

À direita os Cristãos em cavalos preto-azeviche, lenço branco floreado e de lança em riste. À esquerda os Mouros, montados em cavalos vermelhos, com lenço azul pontilhado. Um tiro de pistola deu início ao combate, e êste foi travado figurando evoluções graciosas. Ora a peleja era a espada núa, ora a tiros de pistolas, ora, ainda, a golpes de lança. Os cavalos andando sempre a galope... e quem caía era considerado vencido...

Os mouros venceram, e D. Silvério garboso submeteu-se à prova final. Constava esta de tirar com a ponta da lança a argola de ouro colocada num poste no centro da "cancha".

Vários cavaleiros do partido vencedor tentaram a dificil prova sem a conseguir. D. Silvério, porém, num espetacular salto conseguio vencer tal dificuldade, e todo cheio de orgulho foi oferecer o fruto de seus esforços à pessôa que maior amor lhe despertava. Clarice, a linda morena de olhos castanhos, recebeu a dádiva com um sorriso nos lábios e retribuiu a oferenda, como de praxe, com seu lencinho perfumado.

Palmas dos convivas... regozijo unânime de todos...

Sòmente um moço bronzeado quedou-se meditativo a admirar a linda gaúcha. E o amor inopinadamente acendeu sua chama de paixão.

E o ciúme cravou sem pena suas garras de tortura em sua carne viva, ao ouvir os aplausos que D. Silvério recebia.

Tomando aqueles aplausos mais como uma

merece.

Sou de parecer que a solução do problema que atravessamos atualmente, consiste em incrementar a instrução nas Escolas de Formação de Oficiais e Sargentos a fim de que êsses homens, quando formados, estejam em condições de executar com perfeição as operações de Manutenção de primeiro escalão e do segundo escalão (manutenção de 1500 quilômetros) e portanto em condições de ensinar ao soldado essas operações e exigir o fiel cumprimento delas.

Por outro lado, os Comandantes de Corpos motorizados e mecanizados intensificariam este ramo de instrução a fim de que dentro de um curto espaço de tempo os quadros estivessem em igualdade de condições com os formados pelas Escolas.

Caberia portanto à Escola de Moto-Mecanização e E.I.E. formar especialistas de 2º escalão (manutenção de 9.000 quilômetros), 3º e 4º escalões enquanto a Escola Técnica do Exército formaria os engenheiros para o 5º escalão. Estando a tropa em condições de dar às viaturas a assistência devida, principalmente no que concerne ao 1º escalão, seria reduzido o problema de suprimentos pois, precisaríamos de um número menor de peças que o país sem tanto sacrifício, poderia adquirir no estrangeiro até que pudéssemos fabricá-las. As secções de Manutenção das unidades, as Cias. de Manutenção e o Parque ficariam então, mais aliviados podendo assim executar seu trabalho com mais calma e maior perfeição.

UMA SEMANA NA E. S. A.

Uma semana na E.S.A. é uma semana igual a todas as outras.

É composta dos mesmos dias e acaba sempre no domingo.

E aqui vai uma pequena amostra de uma das 40 semanas que o aluno da E.S.A. vive durante o seu curso, dedicado inteiramente ao trabalho bem orientado afim de tornar-se um Sargento eficiente que seja um exemplo para os seus subordinados.

Pelo que aqui apresentamos, pode o leitor adivinhar que, se um dia visitar a E.S.A., encontrará uma verdadeira oficina de TRABALHO.

Assim começa a semana do aluno.

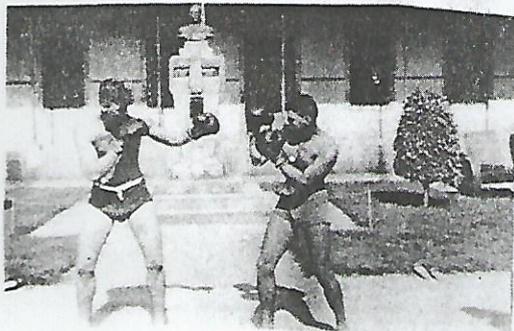
Desde a Segunda-feira o "murro" funciona ...

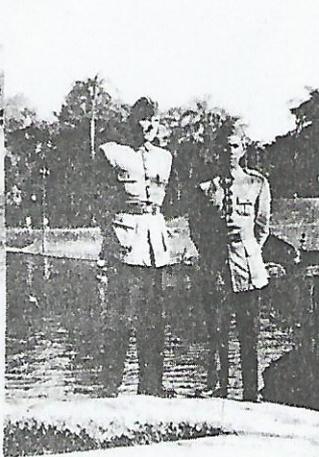
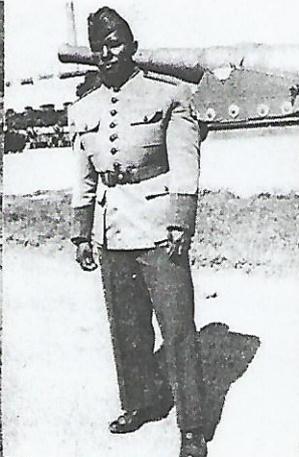
... e continua atravez da semana...

... tendo o Gericinó como palco.

Esta irá para casa; vale como prova de que está gosando saúde.

O canhão alemão capturado pela FEB é o fundo de cena normal para as poses dos "bonitões."

Esta irá para a noiva; vale como um atestado de aptidão para o casamento.

Uma pôse especial tirada num domingo de sol. Embora a luta não seja real êles são mesmo lutadores de box.

Fotografia como esta, quando enviada para "ela", merece esta explicação: - *"assim passo os meus licenciamentos. Para que sair, se nada tem graça quando estou longe de ti ?* Mas... será mesmo ?...

E assim matamos as saudades daqueles que nos são queridos, enviando nossas fotografias is sensacionais. No Gericinó, na Escola, na Quinta da Bôa-Vista, enfim, onde houver um a-no da E.S.A., haverá u'a máquina fotográfica em ação.

No meu Tempo

Ivanildo A. Oliveira
1º Ten.

Si vocês chamam mochila
Esta pequena "trouxinha"
Si vocês choram, se queixam,
Quando se "suga o pracinha",
Imagino se tivessem
A mochila que eu tinha.

Nela eu levava a "casa",
A comida, a picareta,
A roupa, manta e capote,
Coisa que parece pêta,
E o pobre do corneteiro
Ainda levava a corneta.

Ouvindo isso o aluno,
Respondeu-lhe sem tardança:
Todos dizem "no meu tempo"
Era diferente a dansa.
Mas hoje, Sub, é o progresso,
E´ bazuca em vez de lança
Porque "guerra" sem confôrto,
Não é "guerra" e sim "matança".

No meu tempo de recruta,
Contava o Sub-tenente,
A vida era outra coisa
E a batida diferente,
Não é pra "fazer mistério",
Confesso sinceramente.

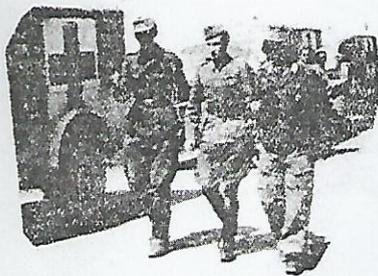
A E.S.A. não tinha o A
Tinha o I de Infantaria;
Era a E.S.I. que brilhava
E que o povo aplaudia,
Quando em 7 de Setembro
Para a cidade descia.

Mas não bastavam paradas,
Cobertura, alinhamento,
Havia o Gericinó,
Carrapato, sofrimento,
E uma mochila pesada
Que era o nosso tormento.

PE[illegible] CAP. ERN[illegible]I AYROSA
(S/3 do IBTL do 6ºRI)

148 Divisão Alemã

(Fotografias pelo Cap. Nazareno F. de Brito)

[illegible]itos pela 1a. com-
[illegible]eslocamento, entre os
[illegible] coronel, um major e
[illegible] Era, sem dúvida, o
[illegible]rrota inimiga. Até
[illegible]ínhamos conseguido
[illegible]al. Estes manobravam
[illegible] elementos que, por
[illegible]ssem que permanecer
[illegible]em de graduação su-
[illegible]al.
[illegible]cio de Emilia nossa
[illegible]. Às 11,00 horas, re-
[illegible], e novos desloca-
[illegible]os para Carignano.

4 - DE VOLTA DO P. C.

O PARLAMENTAR DA SUAS ORDENS.

[illegible]RENDIDO

TRANSFERÊNCIA DE ALEMÃES FERIDOS

- O DESFILE DE RENDIÇÃO.

Às 15,00 horas todo o Batalhão se encontrava instalado, aguardando outras missões, que não se fizeram tardar. Ao cair da tarde, aproximadamente às 20,00 horas, tivemos que escalar uma companhia de fuzileiros, para deslocar-se até as imediações de Collecchio juntamente com uma de tanques americanos, onde deveria tomar parte em uma operação que o II Batalhão do 11 Regimento de Infantaria ia realizar para apossar-se desta cidade.

Só na manhã de 28, pudemos ser informados do êxito do ataque, tratando, então, de recuperar nossa segunda companhia, que lá se encontrava. Tivemos ordem, de levar todo Batalhão para Collecchio. A posse desta cidade, nos oferecera, mais uma oportunidade para sentirmos o pouco que distávamos no fim.

Não só deixavam aí os alemães grande quantidade de material, mas um número elevado de cadáveres abandonados. Isso patenteava flagrantemente, a desarticulação em que se encontravam, e o pânico que já reinava entre êles.

Precisávamos de informações para proseguir. E, estas não tardaram a aparecer-nos, objetivamente: 3500 homens se acham agrupados em Fornovo di Taro, lugarejo situado a nove quilômetros de Collecchio, servido por várias estradas, e tendo como principal exatamente, a que nos ligava aos alemães. Sentíamos que era o epílogo... Nas demais frentes nenhuma resistência se apresentava.

Seguindo a ideia inicial - de não permitir que o inimigo de novo se articulasse - montámos de logo novo ataque. E a operação entrou a desenvolver-se.

Barramos uma estrada com o II Batalhão do 6º R.I.; lançámos o esquadrão de reconhecimento e a 9a. companhia do III Batalhão para Felegara, fechando também outro eixo importante; agrupamos o restante do

CONTINUA NA PAG. 56

A morte do Bento

Cap. Carlos Alexandre P. Autran

Chovia. A natureza chorava angustiada. O vento nos trazia susurros de preces, como uma mensagem dos corações das mães, das esposas, dos filhos e das noivas que nos dizia: *"Ide, lutai com bravura e coragem para vos mostrardes dignos de nós que aqui, no intimo de nossos lares, lutamos contra a saudade, a incerteza e a nostalgia e nos mostramos dignos de vós".*

Era o batismo de fogo do nosso Batalhão:- o 1° do Sampaio. Cabia-nos a missão de atacar o célebre baluarte da defesa alemã: - MONTE CASTELO ....

Um silêncio pesado e pegajoso nos envolve. Madrugada ainda. Mais alguns instantes e nos lançaremos sôbre aquelas encostas hostis e íngremes.

Repentinamente, quebra-se o silêncio. Um rugido surdo vem da retaguarda e, como se os demônios da guerra se tivessem escapado das bôcas de nossos canhões, passam sôbre nós zumbindo e silvando, granadas de artilharia que vão explodir nas encostas do môrro, enchendo-o de crateras negras e fumegantes. É o fôgo de preparação de nossas baterias.

Partimos para o ataque. Meu pelotão é o da esquerda. Meus soldados marcham silenciosamente, armas prontas para ação. Todos ótimos rapazes. Ainda ontem, um me mostrára a carta de sua última namorada, dizendo que se lembrára dele por ter visto uma "barata" conversivel, parecida com a sua. E outro, um rapaz humilde, vindo das usinas de açucar de Campos, pedira-me para ler a mensagem de sua esposa que no Brasil ficára com uma filhinha de meses. Mas tudo isso é passado. Agora já nenhum deles tem personalidade própria. O indivíduo desapareceu. O que existe são soldados rijos e decididos que depositaram suas vidas em minhas mãos.

O inimigo se revela. Caem sobre nós os primeiros projetís de Artilharia e morteiro. Continuamos avançando.

Agora estamos em plena batalha. A atmosfera se enche de ruidos estranhos. A fuzilaria é intensa. As metralhadoras misturam seu sinistro gargalhar às explosões das granadas e aos gritos de agonia dos feridos. A terra extremece e se tinge com o vermelho rubro do sangue dos bravos que tombam.

Somos tomados por fogos de flanco. Quatro soldados caem varados a bala.

Vamos agora rastejando na direção de uma vala, onde pretendo abrigar momentaneamente meus homens.

— Seu Tenente, diz o Sargento Walter, a metralhadora está por traz daquele monte de palha.

— Vamos destrui-la, digo, você com seu grupo siga pela esquerda.

O Sargento Waldir ficará aqui com o segundo. Eu irei com o primeiro grupo pela frente.

Rastejamos cautelosamente na direção da casamata. Verifico que o Sargento Walter conseguiu desbordar a posição inimiga, com o seu pessoal. Ordeno o assalto. Gritos. Baionêtas. Facas de trincheira. Cinco soldados mortos e uma arma inimiga silenciada.

Agora atingimos a vala. Os homens estão esfalfados. A munição quasi esgotada. Com surpreza, observo que começa a anoitecer. O dia passou com uma rapidez vertiginosa e, paradoxalmente, cada minuto levára uma eternidade para se escoar.

O rádio me informa que ha ordem para retornar a base de partida. O inimigo contra-atacara violentamente a direita de nosso Batalhão e ameaçava romper nossas defesas. Ordeno o regresso.

Os soldados devem sair um por um, evitando assim expôr-se um grupo de homens às mortíferas armas inimigas.

Quasi todos já sairam. Estamos só dois: eu, que serei o último a abandonar a posição, e o BENTO, um preto forte do sertão baiano, meu ordenança, que se recusára a deixar-me só. Preparamo-nos para sair.

– Vamos agora BENTO, que o fôgo diminuiu.

Saimos juntos. Uma granada de morteiro explode a poucos passos, lançando-nos a distância. Estou atordoado, mas ileso. Procuro BENTO. Está caido, rasgado o ventre por um estilhaço.

–Que é isso, baiano, deitado enquanto eu estou de pé ? digo para animá-lo. Levante-se que eu o ajudo.

– Qual seu tenente, desta vez eu estou "frito". Deixe-me aquí que já não valho mais nada. Siga os outros. Os "tedescos" já vêm aí perto.

– Vamos negro, não exagere. Passe o braço no meu pescoço e não percamos tempo.

Vou arrastando o meu soldado em direção a nossas linhas. O inimigo não nos poupa, o bombardeio continua intenso e os estilhaços cortam o ar em todas as direções. De espaço em espaço, paramos para descancar um pouco. A noite nos protege das vistas do inimigo.

BENTO há muito que não diz palavra. limita-se a gemer. Estamos, já, bem perto dos nossos.

– Paremos um pouco nesta cratera, digo ao BENTO.

– Sim, seu tenente, que eu sinto agora um grande cansaço e o ferimento já não doi.

Deito-o no fundo do buraco. Está coberto de suor frio. Perdera muito sangue. A respiração é fraca e entrecortada.

Percebo que o pobre homem jamais chegará com vida às nossas linhas.

– Seu tenente, eu agora estou bem, não sinto nada, mas que música é esta, tão bonita ?

Coitado, é o delírio que começa.

– Mamãe, mamãe, aperte-me a mão.

Tomo suas mãos frias entre as minhas e digo-lhe:

– Acalme-se meu filho, isto ha de passar logo.

– Mamãe, onde estou ? Porque não pósso ver você ? Ajude-me, quero rezar.

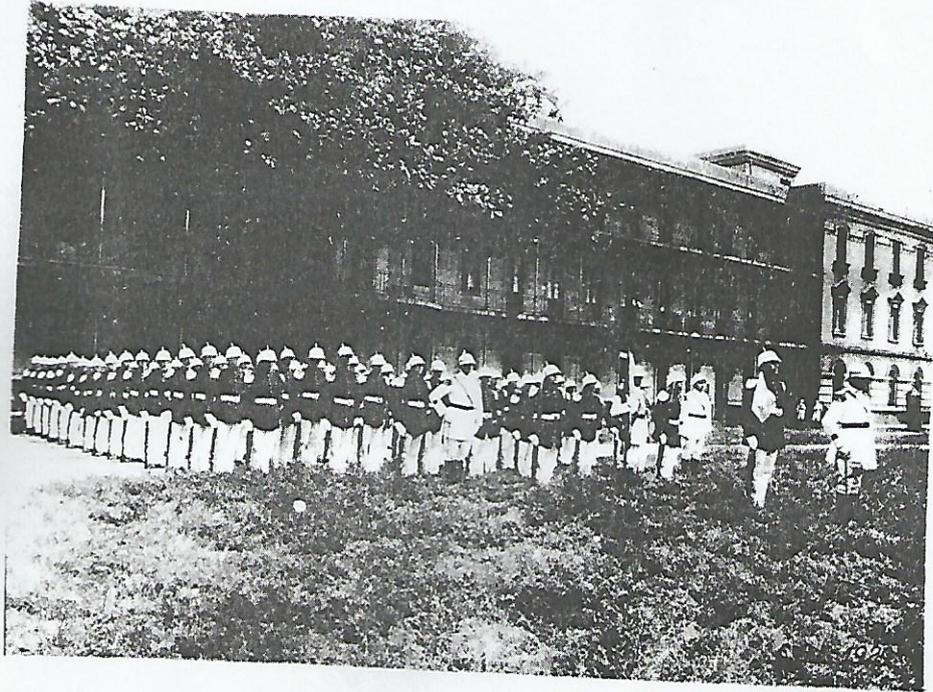
– Ave Maria.... Cheia de graças... Bendita sois Vós... entre............as mulhe.. ....res.......................................

Esta é a história de um bravo que, em plena juventude, atendendo ao chamado da Pátria, morreu no campo de batalha, sem um queixume, com a família no coração e Deus no pensamento.

Para ele, a guerra terminou numa interrogação. Quem lograria ter a cabeça alta quando as trombetas da paz ecoassem nos campos, fazendo cessar o rugir tonitroante do armamento bélico ? Mas, sua fé na causa que defendia, seu sacrifício máximo ao predomínio da democracia no mundo, lhe conferiram, naquele mesmo momento, os custosos louros da Vitória.

Ontem

Hoje

E.S.A.-1949

do planos e ordens de acôrdo com suas diretrizes; fiscaliza a execução de suas ordens para que de fato possa ser exercida a função de comando.

Para que possamos avaliar quão grande e a importância do Comando, basta lembrarmo-nos do que diziam os mestres da arte da Guerra.

Assim Cezar na Espanha disse que venceria porque tinha a combater um exército sem chefe; mais tarde em Tessália, afirmou vencer por ir lutar contra um chefe, Pompeu, sem exército, os assustados de Roma.

Lembro-vos, do póema de Frederico sobre a arte da Guerra traduzido em portuquês por Podeqache, o sequinte trecho:

"Vós a cabeça sois do vasto Corpo,
Que a marcia tropa forma: necessita
Por ele meditar: na alma acender-lhe
Alento e brio: obrar quando descança,
E velar quando dorme. Em vós confiam
Os filhos de Belona: o seu destino
Á vossa providência entregam todos.
Pelos vossos talentos e ciência
Desempenhai da tropa êste conceito,
Que só em vós tem posta a segurança"

Por isto a Infantaria moderna foi dotada de um Estado Maior bem numeroso, cujos elementos tem suas missões bem definidas secundando a ação do comando.

2) ELEMENTOS DE INFORMAÇÃO.

Foi dotado o Regimento de Infantaria, apesar de mais íntima a ligação entre a Infantaria com a Aviação e a Cavalaria - Esquadrão Moto Mecanizado - de um Pelotão de Reconhecimento e informações, dotado de rádio bem potente, com possibilidade de dividir-se em pequenas turmas, e todo motorizado, com a missão de dar informações de primeira mão ao Cmt. do R.I. na frente de sua ação.

3) ELEMENTOS DE LUTA.

Sendo evidente que a Infantaria só pode executar suas múltiplas tarefas, se possuir os meios materiais e técnicos convenientes, foi ela completamente transformada.

Assim foram alterados seus efetivos, diminuindo-se o número de homens em certas unidades elementares a par do grande aumento de sua potência de fogo, pela utilização de fuzis semi-automáticos, pistolas metralhadoras, modificando-se portanto o seu armamento.

Armas novas lhe foram distribuidas surgindo os canhões anti-carro e os Lança - Rojões em quantidade suficiente para a sua defesa contra os carros; os morteiros leves que permitissem aos elementos mais avançados ação imediata contra objetivos cobertos e fortificados; os obuzes 105 de Infantaria que lhe facultassem empreender o tiro contra objetivos inopinados e fugazes, que a Artilharia não poderia realizar.

E, para sintonizar no concêrto do cambate, todas estas armas e as ações dos diferentes elementos combatentes, o emprêgo em grande escala dos meios de transmissões pela fonia com e sem fio.

4) ELEMENTOS DE MANUTENÇÃO

Os elementos de manutenção, são aqueles que proporcionam aos elementos de luta os meios indispensaveis necessários à manutencao do combate.

Neles estão compreendidos: o serviço de suprimento - aprovisionamento, abastecimentos e remuniciamentos - o serviço de saúde, o de transportes, o religioso e o de sepultamento.

Serviços mais bem controlados que até então, pela criação do chefe regulador dos mesmos - o S 4 - que enfeixa em sua mão a sua coordenação.

C) Base ternária de:

1) três elementos idênticos permitindo:

- fixar o inimigo
- manobrá-lo
- destruí-lo pelo choque.

O CASAMENTO

aluno Ednyr Monteiro

A beleza plástica da mulher não é o atributo principal para a conquista do casamento, servindo apenas como um atrativo para despertar a atenção do homem que a vê, do mesmo modo que o colorido e o perfume das flores atraem os insetos que inconscientemente promovem a transplantação do pólem que se espalha por toda a parte, promovendo a sua fecundação natural, que redunda na multiplicação da espécie.

Assim, pois, a ligeira impressão causada pela beleza feminina, no homem, é por demais passageira e, por si só não poderá fazer germinar em seu coração a idéia do casamento. Essa idéia nascerá, fatalmente, após uma série mais ou menos longa de aproximações, em que os dotes da mulher agem de maneira persuasiva.

O que prende verdadeiramente o homem e o seduz permanentemente é a sentimentalidade que provem da beleza moral da mulher, de sua bondade, da candura, da meiguice respeitosa, do sorriso que encanta, da inocencia, de tudo enfim que faz criar em torno de seu eleito uma atmosfera de poesia, de sonho e de encantamento.

Dirás naturalmente que tudo isto é romantismo e, segundo dizem, a era do romantismo já passou.

Puro engano. Enquanto existir sociedade, lar e família, enquanto se projetar na terra a sombra de um homem e pulsar no mundo um coração de mulher, a influencia romantica aí estará, fazendo-se sentir nas âncias fosforecentes de uma esperança, ou na furtiva carícia de um olhar, porque ela é e será, para todo o sempre, a criadora do mundo sentimental que é a expressiva realidade de todas as cousas e a inspiradora por excelência, do amor, êsse élo sublime que prende dois corações a um devotamento recíproco, sem dúvida, o princípio básico na conquista da verdadeira felicidade, nessa subida a dois pela estrada da vida.

Vemos, muitas vezes, uma moça que, embora não sendo possuidora de um tipo de beleza peregrina, consegue, no entanto, fazer-se amar com delírio, casar-se, atravessar toda a existência conjugal contente e feliz, ao passo que outra de beleza rara e fascinante, curtir uma vida cheia de dissabores, sem conseguir uma afeição sincera e verdadeira, hoje admirada pela multidão imensa de seus admiradores, mas logo depois esquecida.

Qual o fator preponderante que determinou destinos tão diversos e aparentemente tão contraditórios à sua lógica natural?

E' facil acharmos a explicação deste fato.

E' preciso primeiramente compreender que a natureza em nada concorreu para o seu desfecho, porque ela é tão sòmente uma lei inconfundivel de lei reta e inexoravel, não podendo, por conseguinte, contribuir, com predileções nem agravos nas características que marcam o destino de cada um.

Chegamos assim à conclusão de que tudo o que adquirimos na vida, de bem ou de mal, é fruto exclusivo de nossas iniciativas, aplicadas com um fim único: o da realização de um ideal, de um desejo, ou simplesmente de um modesto querer.

E se o seu resultado não correspondeu ao desejado, a culpa só póde ser atribuida a nós mesmos, que não soubemos conduzir os nossos atos de maneira acertada e conveniente.

Destino, fatalidade, sorte ou azar, são cousas que não existem realmente, e, portanto, nada podem representar no desenrolar dos acontecimentos. São divagações sem fundamento real, criadas ou idealisadas pelos pusilanimes e negligentes que assim se eximem da responsabilidade de suas derrotas e fracassos na vida.

O casamento é, sem dúvida, o maior e o mais feliz dos acontecimentos marcados na vida da mocidade, porque é a coroação de um sonho que se concretiza, de um ideal que se

Sucesso e Fracasso

ESCREVEU O 3º SARG.to AMACILIO C. DE FREITAS

Segundo um grande amigo, pessôa bastante conhecida no meio militar relativamente ao curto espaço de tempo no carreira das Armas, inteligente, esforçado, imbuido de idéias nobres e que acima de tudo coloca os soberanos interesses da Pátria Brasileira, "as idéias são as maiores fôrças edificadoras e destruidoras de que dispomos, porque o pensamento é fôrça ! Cada ser engendra e atrai para si o que lhe corresponde na natureza e a medida que as ideias convergem, tanto mais sutis e poderosas são em seus efeitos... Esta convergencia se realiza de acordo com certas leis, constituindo o desencadeamento dos nossos atos o seu efeito! Todas as coisas existem no espaço antes de si apresentarem na mente, evidenciando-se posteriormente no corpo pelas formas de expressão que conhecemos".

Em minhas divagações tenho observado que a nossa vida realmente se adapta a certas leis. É o meu propósito explicar fatos de minha vida, colocando-os no competente lugar, em meio ao complexo de acontecimentos com que a natureza me cerca.

Há dias, quando conversava com três colegas, surgiu o eterno assunto das "Pequenas", inevitavel entre rapazes. Falamos de conquistas, expondo cada um a mais facil maneira de as conseguir. Tentei explicar com simplicidade como havia obtido o nome, idade, residência, data e mês de nascimento de uma das minhas e, um dos colegas, o mais humorista, pôs em duvida minha tática, chistosamente perguntando em que livro havia decorado aquelas frases; qual o romance que havia lido para me expressar daquela maneira.

Fiquei "abafado" considerei-o em minha revolta incompetente para tais assuntos, e desde ai procurei evita-lo em conversas dessa natureza. Hoje, entretanto reconheço que o erro do colega me criticando não foi maior do que o meu deixando transparecer minha revolta. Sinto-me contente em dizer aos prezados colegas, haver pensado durante muito tempo como encontrar a maneira facil de corrigir a situação sem ressentimentos de parte a parte, levando tudo para o lado bom que existe em todas as coisas, mesmo nas ruins.

Hoje raciocino da seguinte maneira: A razão se dá a quem tem, mas se eu estivesse no seu lugar, teria outras razões que me levariam a fazer a mesma pergunta!

Naturalmente tudo quanto fazemos tem algo de comum. Tudo quanto fizeram e alcançaram as gerações enteriores a nossa esteve sujeito aos principios e leis idénticas as de nossos dias, e, aquilo que um fez, todos nós podemos fazer. "Nada de novo e extraordinário existe sobre a face da terra..." Pálavras como estas representam em seu profundo sentido o tenue fio de ouro em que a propria vida apoia sua continuidade.

Cada qual é o arquiteto, o artífice de sua própria vida, alicerçando-a sobre as léis universais e imutáveis. Ao mesmo tempo que construimos interiorment o mundo da concicia, atraimos do mundo exterior o correspondente, assim como somos atraidos por ele. Eis uma sintese da harmonia individuo-universo.

Mas, regressando ao meu caso pessoal. Dissemos um ao outro de frases inuteis que proferidas só tiveram como resultado criar dificuldades em nossas vidas. Se eu meditasse a cada palavra, antes de responder ao colega, evitaria para ambos o mal estar de uma discussão sem um fim util. Um verdadeiro fracasso, socialmente falando! E quantos casos iguais a este vivemos todos os dias...

Nao sei bem porque, mas o lado mal das coisas predomina nas relações inter-humanas propendendo incessantemente para essa "vontade comum", de falar e fazer aquilo que não devemos.

Desse incidente sem importancia, dos conselhos amigos e da leitura de textos escritos por homens práticos, que conclui o sucesso e fracasso, baseam-se justamente nas verdes simples que venho de expor.

Sempre nos parece fora do normal, como se estivessemos adormecidos, quando ocorrem alegrias, sucessos, prazeres etc. O sucesso se acomoda ao feitio próprio de cada um. Ligar pouco pelas consequências, ao infortúnio, e dizer: só me interessa o momento atual, o passado não interessa mais, é um cadaver que deve estar enterrado: e do futuro, não sei o que me reserva, portanto, não penso nele, é também uma forma de sucesso, um tanto egoista e perigosa...

Continua na pág. 62

Página do Sertão Maranhense

Aluno BERGUNSIL ALBUQUERQUE SILVA

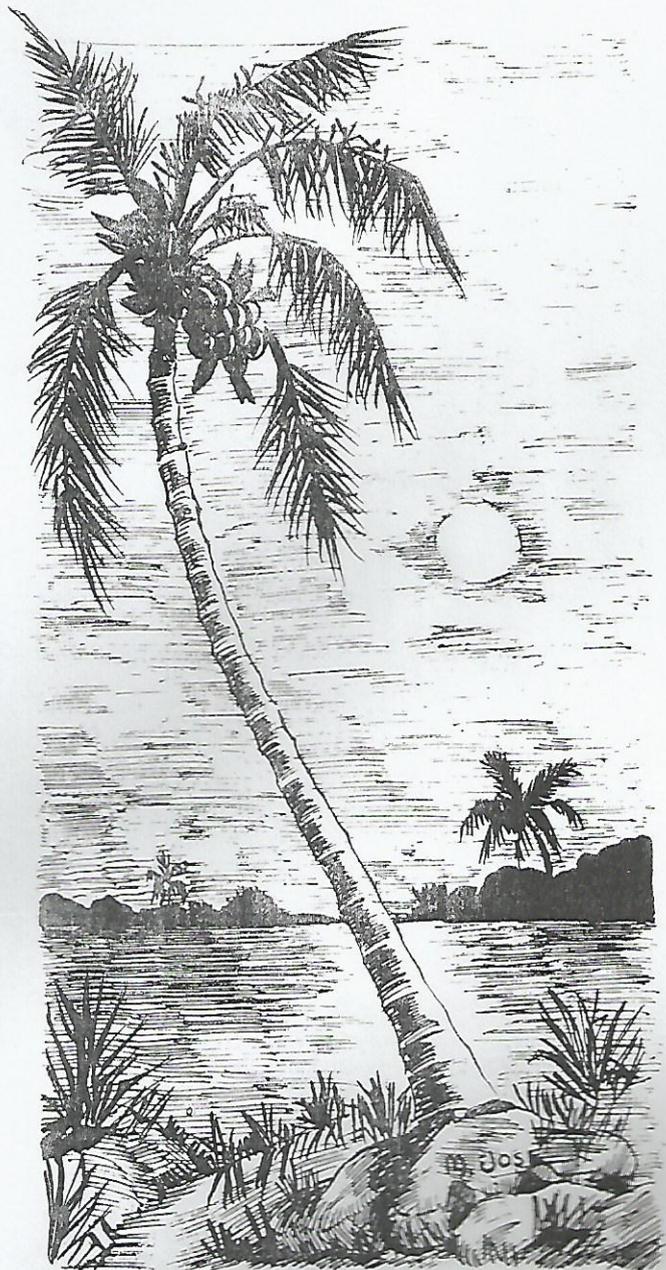
Foi numa noite enluarada - uma daquelas belas noites do sertão maranhense, que inspirou Catulo a compor uma das suas mais lindas canções, *Luar do Sertão* - que a matutada se reuniu no terreiro da fazenda do coronel Tibúrcio, para assistir um grande desafio entre os cantadores Benteví e Sabiá, que, com suas violas e os seus repentes, iam disputar a mão da mais bela donzela que pisava naquela região das matas de Ubarim. Esta linda donzela de 18 anos de idade, côr bronzeada, cabelos negros, e de um sorriso que enfeitiçava toda aquela rapaziada sertaneja, chamava-se Marina. Chegaram os cantadores, afinaram as violas, e o desafio começou assim:

Benteví - *Sabiá fasta pra traz,*
Mete a faca na bainha,
Que teu pai não é o meu,
Nem tua mãi é a minha,
E eu não sou banana prata
Que se come com farinha.

Sabiá - *Meu amigo Benteví,*
Eu não sou de brincadeira;
Pareço com marroá
Quando refuga a porteira;
Pela perna não me vence,
Pelas armas é asneira.

Benteví - *Nunca ví couro de alma,*
Nem rastro de lobishome.
Sou cascavel de verêda,
Onde pico urubú come;
Sou raio, fôgo, curisco,
Onde não tem São Jirome.

Sabiá - *Tu és a cascavel velha,*
Eu sou a cascavelzinha,
Onde bóto minha prêsa,
Não há cura nem meisinha,
Nem coração de vigário,
Nem feitiço de cosinha.

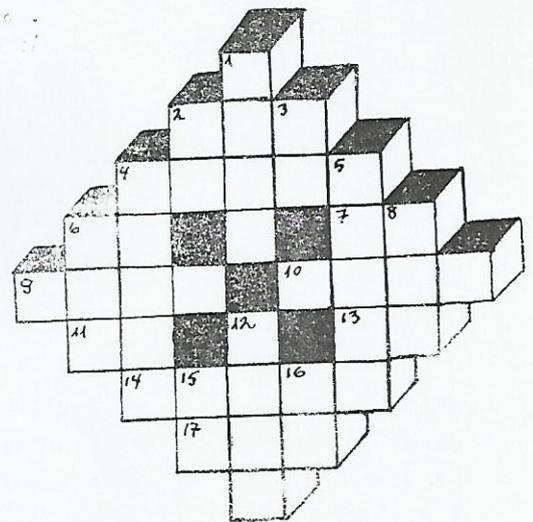
E neste ritmo, os dois cantadores debateram-se durante toda a noite, até quando os raios solares da nova aurora, avizaram-lhes que era tempo de voltar ao trabalho. E a jovem Marina, linda flor do sertão maranhense, ficou sem saber qual dos dois escolhia para esposo. Pensou, pensou ... e ficou na mesma; os dois jóvens cantadores eram iguais.

Quebra-Cabeças

Palavras Cruzadas

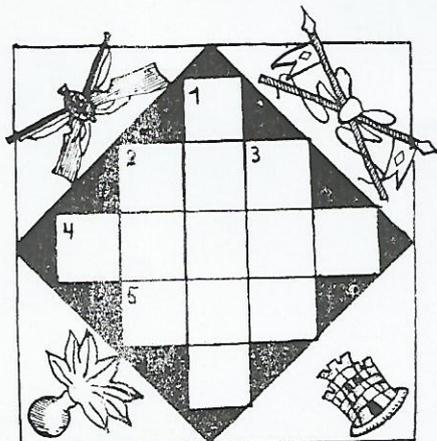
HORIZONTAIS

2 - Nota musical
4 - Festa literária; concreto.
6 - Não acompanhado; isolado.
7 - Contração (preposição c/artigo)
9 - Espécie de canape c/ encosto e assento estofado.
10 - Instrumento de bronze com um badalo no centro e que se tange.
11 - Fluido respiravel.
13 - Advérbio de lugar.
14 - Bêbedo; borracho.
17 - Criada de nobres; camareira.

Pelo Aluno
Alan Rocha

1

VERTICAIS

1 - Frustado; que gorou.
2 - Pronome possessivo feminino (em francês)
3 - Advérbio de lugar.
4 - Padece.
5 - Um só no seu gênero
6 - Produz som; ecôa.
8 - Nome de mulher.
12 - Conjunto de 3 pessoas.
15 - Belmira Alves
16 ; Caminhava para lá.

************* Pelo Sargento Mario Perozzo *****************

Nº 2

HORIZONTAIS

2 - Cabana de indios
4 - Grande cão de fila (caça grossa)
5 - Pequeno círculo de metal

VERTICAIS

1 - Pessôa a quem foram funestas as suas elevadas pretenções
2 - Folha de palma
3 - Época (período)

(SOLUÇÕES NA PAG. 55)

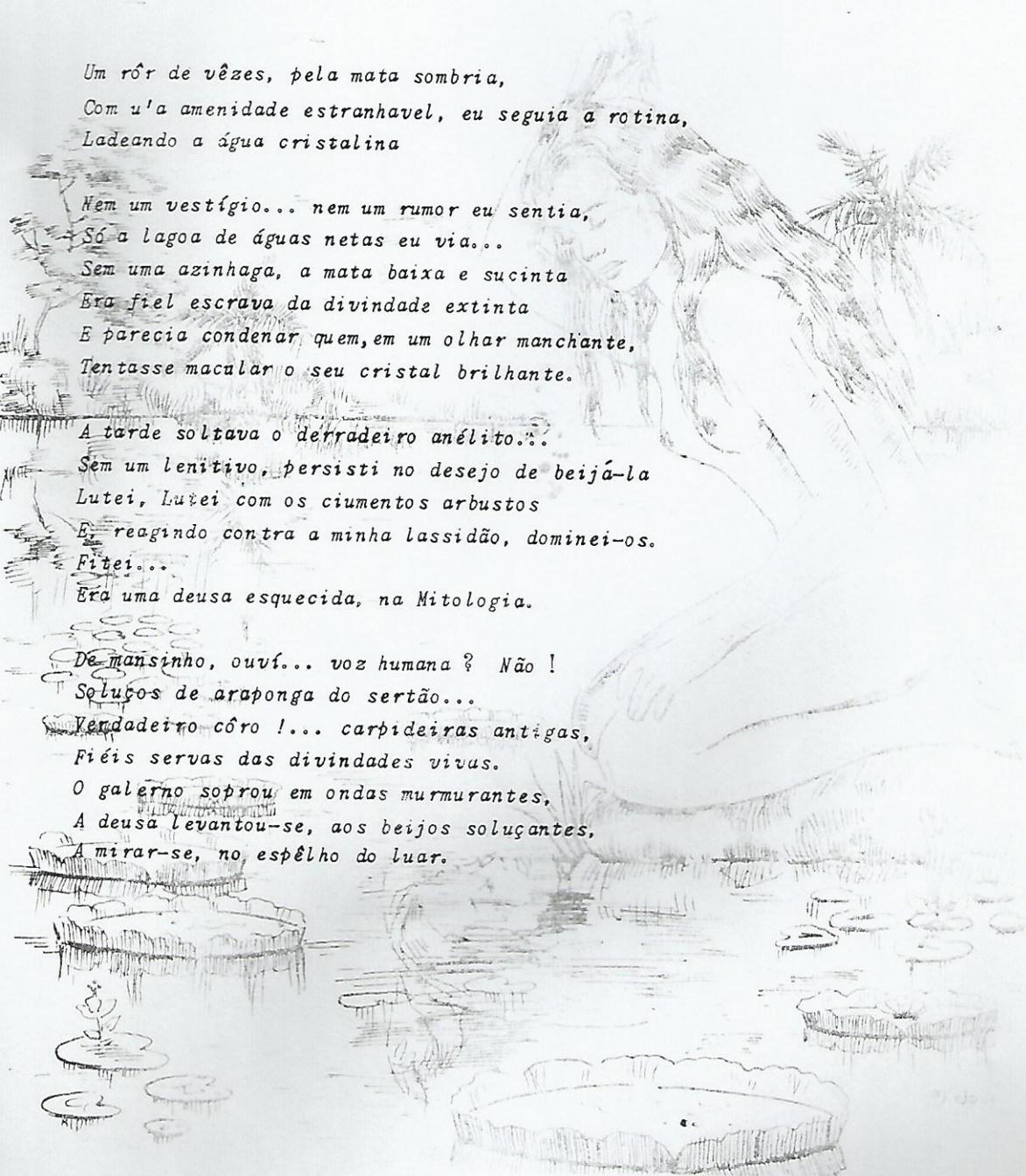
Lagôa de águas netas

Aluno João Luiz Plácido

Um rôr de vêzes, pela mata sombria,
Com u'a amenidade estranhavel, eu seguia a rotina,
Ladeando a água cristalina

Nem um vestígio... nem um rumor eu sentia,
Só a lagoa de águas netas eu via...
Sem uma azinhaga, a mata baixa e sucinta
Era fiel escrava da divindade extinta
E parecia condenar quem, em um olhar manchante,
Tentasse macular o seu cristal brilhante.

A tarde soltava o derradeiro anélito...
Sem um lenitivo, persisti no desejo de beijá-la
Lutei, Lutei com os ciumentos arbustos
E, reagindo contra a minha lassidão, dominei-os.
Fitei...
Era uma deusa esquecida, na Mitologia.

De mansinho, ouví... voz humana ? Não !
Soluços de araponga do sertão...
Verdadeiro côro !... carpideiras antigas,
Fiéis servas das divindades vivas.
O galerno soprou em ondas murmurantes,
A deusa levantou-se, aos beijos soluçantes,
A mirar-se, no espêlho do luar.

DUAS PALAVRAS do Capelão.

A mui prezada Escola de Sargentos das Armas vai ter a sua revista. É um índice de que essa mocidade esperançosa vive a sua vida de entusiasmo.

O capelão foi intimado a escrever algo para a novel revista. Sei que isto se deve mais aos laços de amizade que o prendem à E. S. A. do que ao seu valor pessoal. A obediência, em todo o caso, é uma virtude tambem militar.

Como capelão assisti à partida de três turmas de novos sargentos. E devo confessar que cada qual disputava a primazia em distinções. Si em Berlim não ha mais juizes, devemos dizer que no Brasil ainda existe uma mocidade sadía física e moralmente. Cumpridora de seus deveres, entusiasta, compenetrada de sua alta missão, nos tempos por que atravessamos. Na Escola de Sargentos das Armas ela é um fato. Graças a Deus, a este mesmo Deus muita vez invocado por Caxias. Moços de todos os quadrantes do pais se dirigem a Realengo, onde, após passar por um tirocínio completo na E. S. A., sob a direção do seu ilustre e querido comandante, ten. cel. Miguel Lage Sayão, e de instrutores de rija têmpera, formam o seu caráter, alargam os seus horizontes técnico-militares, para, destarte, levarem para o seio do nosso Exército uma seiva,um sangue novo para o quadro dos sargentos, o elemento de tanta valia para as nossas Forças Armadas.

Assim, essa mocidade cooperará com os oficiais na formação de cidadãos que a Pátria chamou para os seus quarteis, onde cumprirão com sua nobre tarefa de prestar seus serviços ao Exército.

Os novos sargentos saberão com o seu exemplo conquistar a confiança dos novos soldados. As palavras movem, os exemplos arrastam, nos diz o ditado. O conscrito, como sabemos, é um adolescente,um homem em formação. Porisso, o mecanismo das faculdades humanas, que são a inteligência, a vontade,a sensibilidade, deve funcionar acertadamente da parte do sargento. O recruta é um ser que tem a dignidade do homem, é uma pessoa humana, que e uma espécie de realeza, é quer ser tratada como tal.

Daí, o interesse vigilante que deve mostrar o sargento, interesse que se estende a todos os detalhes materiais da vida do soldado: alimentação, higiene, indumentária e recreação sadias. O bem-estar dos homens é um elemento de primeira categoria para o moral dos mesmos. Na França ha um ditado que reza: *"O caminho para chegar ao coração é o do estômago"*.

Outras notas características do sargento são lealdade indefectível e uma abnegação desinteressada. Deve interpretar fièlmente as órdens dos chefes, sem aumentar nem diminuir nada, cumprí-las, quando haja necessidade, e nada mais. Ele não é homem de partido ou de tendências, nem de escolas ou seitas; é um soldado no que tem de mais nobre e grande esta expressão.

Eis, em poucas palavras, a saudação do capelão aos queridos e nobres alunos da Escola de Sargentos das Armas, por intermédio da revista que acaba de sair a lume. Sei que a mesma será um elo de união entre todos os alunos. Será uma bandeira que abrigará sob sua sombra a mocidade valente e sadia da E. S. A. que, formada nos princípios eternos do cristianismo, mostrará aos vindouros o quanto pode e vale uma mocidade unida. Portanto, meus jovens, "Go ahead", ou senão como soam as palavras de Estacio "Macte animo. generose puer, sic itur ad astra".

Os alunos têm agora a sua revista! Poderão exclamar como os guerreiros do velho Xenonofonte "Thalassa! Thalassa!". Eis o mar, o mar! E, no nosso caso, eis a nossa revista, a nossa revista!

Nos momentos de desânimo basta alçar os olhos e contemplar esse grande vulto que se chama Duque de Caxias, o patrono do nosso Exército. Foi ele um cidadão exemplar, um patriota consumado e "um cristão de fé robusta". Pátria foi o seu nascimento, Pátria a sua existência e Pátria a sua morte. Sua espada era como uma batuta que dirigia todas as sinfonias dos combates nos campos de batalha. Imitemo-lo, no que fôr possível.

Bem hajam os fundadores de tão indispensável, oportuna revista, que será um veiculo de cultura, união e prosperidade para os alunos da E. S. A.

E no Q. G. da 3a D. Santa Maria - Rio Grande do Sul, poderão contar com o amigo de todas as horas.

Padre JOSE BUSATO, S. A. C.
Capitão Capelão

A LINGUAGEM UNIVERSAL

Pelo Sgt.A.PORTO FILHO

Quando os pássaros soltaram os primeiros gorgêios e os sapos guacharam, o homem sentiu também o desejo de cantar. Nasceu a música, surgiram as primeiras melodias.

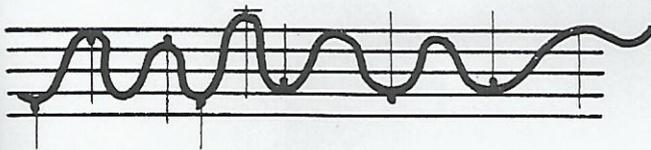
Porém, com o decorrer dos anos, percebendo a impossibilidade de retê-las na memória, o homem viu-se na contingência de arranjar uma maneira de gravá-las, nas pedras, nos troncos de arvores, etc...

... E a primeira música foi escrita assim:

A voz subia ou decia de acôrdo com as curvas da linha.

Embora não sendo preciso, êste processo permitia que as melodias fossem escritas.

Mais tarde criaram a pauta (pentagrama) 5 linhas retas...

...em seguida substituiram as curvas pelas cabeças de notas musicais...

...e finalmente atingiram ao que hoje é empregado:

A música tomou impulso e tornou-se um meio de vida como outro qualquer.É uma arte que requer inclinação,gôsto, perseverança, e anos de estudos,e, como a ciência não tem fim. Estuda-se, quebra-se a cabeça, morre-se de velho e não se chega a uma conclusão.

O meu Professor, jovem ainda, estudou 12 anos ininterruptos para terminar o seu curso no Instituto Nacional de Música, formou-se, é maestro, entretanto, ainda hoje,êle tem um mestre para lhe aperfeiçoar os estudos.

Ninguem precisa ter grande conhecimento musical para cantarolar ou assoviar u'a melodia ou mesmo para julgá-la.

Acredito que não exista quem não goste de música. Alguns, têm o seu gênero predileto, gostam mais de "fox-trot", outros de boleros, sambas, rumbas, etc.O gaucho dá um dente pelo "tango" e o cearence pelo"baião" enquanto que o pernambucano é francamente do frêvo.

Em todo caso vamos tolerar e admtir que exista alguem que não tenha o seu gênero predileto, mas não creio que alguem não tenha pelo menos u'a melodia que lhe toque no íntimo... que lhe faça vibrar, lembrar algum fato passado como, quando conversava com uma pequena, um baile no qual nasceu seu amôr cujo fundo musical nunca mais esqueceu. Quem não conhece o "dorme filhinho do meu coração" que nossas mãesinhas cantavam ? O "parabens p'ra você" dedicado ao aniversariante ?

A meu ver, a música é divina e admiro-a como admiro as mulheres e as flores. Ela influi nos nossos sentimentos, principalmente quando aliada a poesia, cuja letra coaduna com um fato real de nossas vidas.

Você quando deixou a sua terra, deixou também saudade p'ra sua mamãe, sua noivinha

Continua na pag. 64

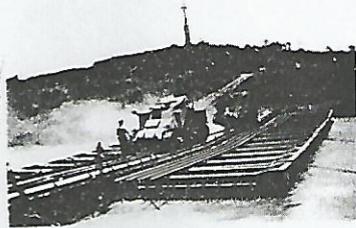
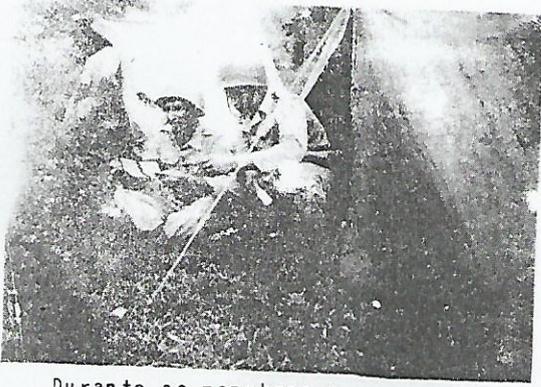
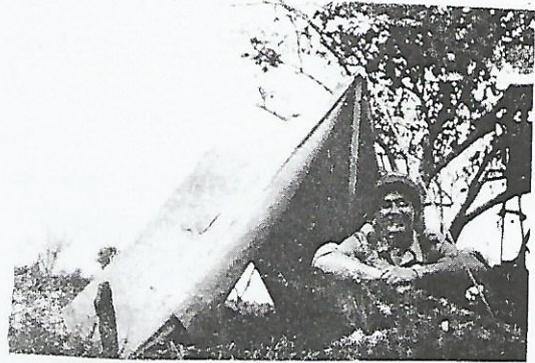
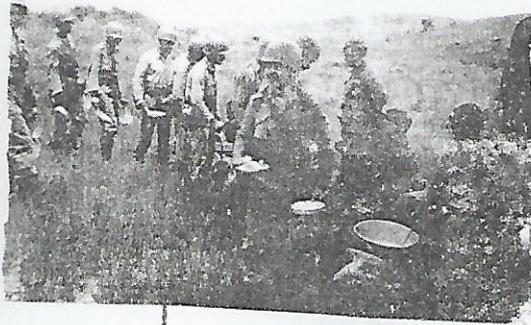
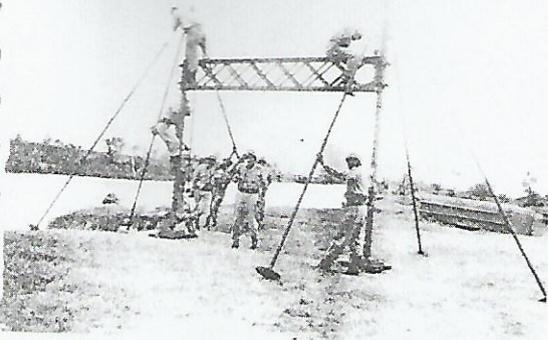
O grande exercício de cooperação das Armas com que a nossa Escola encerrou o período letivo, alcançou êste ano o mesmo brilho dos anteriores.

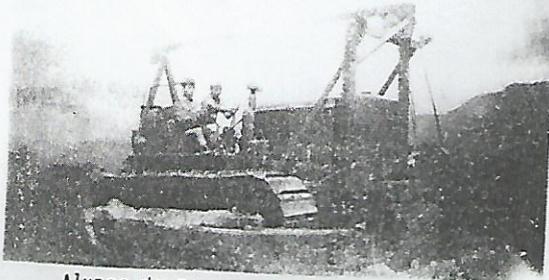
Ardor, conhecimento técnico, ação desembaraçada e precisão foram os característicos dominantes que bem dizem do apuro profissional desta nova turma de sargentos que, em breve, irá preencher os claros de comandantes de unidades elementares nos Corpos de tropa deste imenso Brasil.

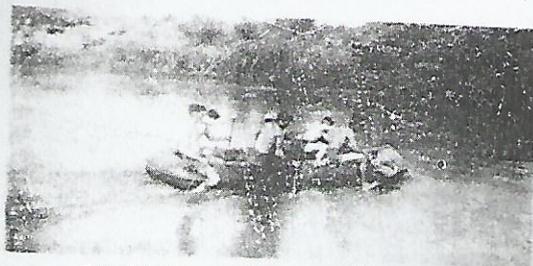
Foi deveras um espetáculo empolgante que, relembrando o afan de um combate real, fez com que as horas nos parecessem minutos...

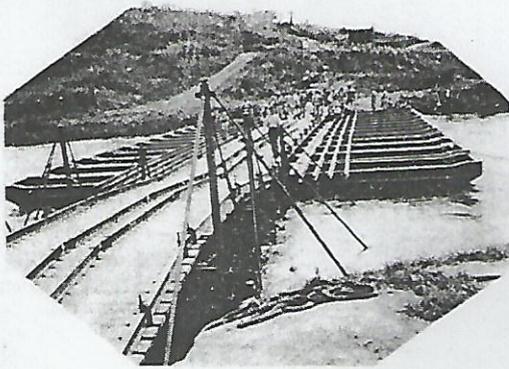
- Mas, deixemos que os variados aspectos colhidos pelo fotógrafo melhor relatem e ilustrem o nosso trabalho.

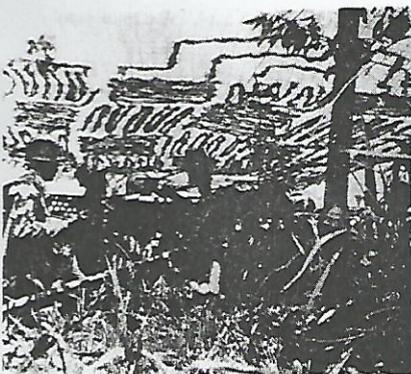
O rádio do Comandante da Infantaria transmite ordens durante o ataque.

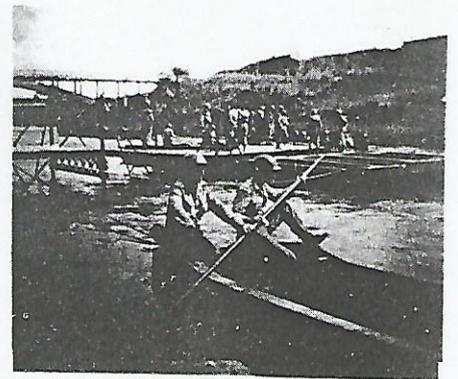
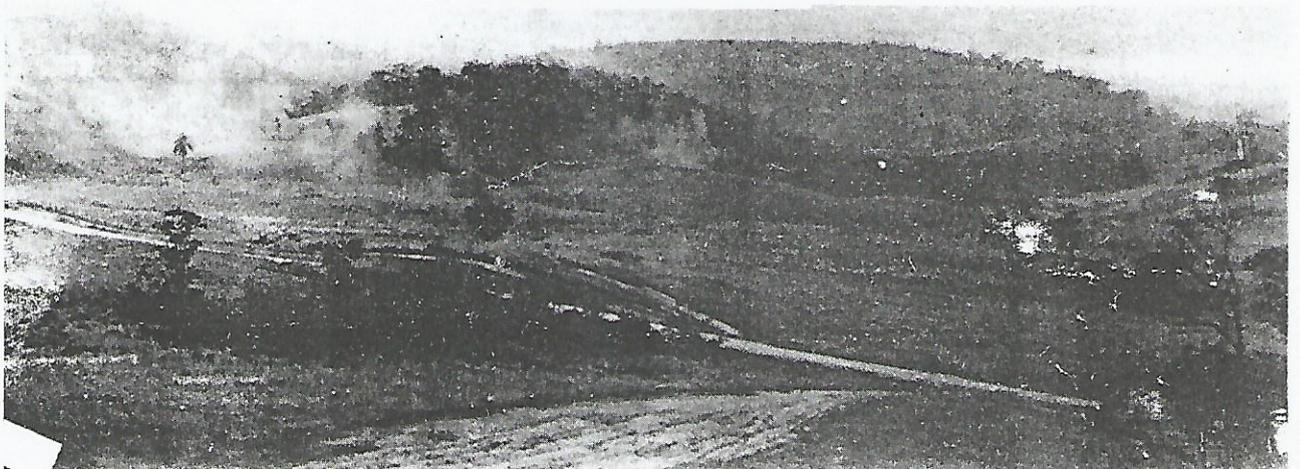
Uma das metralhadoras da Cavalaria.

uma peça de Artilharia entrando em posição

Durante as manobras o Serviço Postal funcionou perfeitamente, levando aos alunos, com regularidade, a correspondência.

Um acampamento fornece motivos para bôas fotografias. Ai está um exemplo de como aproveitar os curtos períodos de folga.

O Cap. Martinez, Cmt da Bateria, fiscaliza pessoalmente a distribuição do Rancho dos alunos da sua Sub-unidade.

Alunos da Engenharia montam um cavalête para a ponte de 50 toneladas que foi construida sobre o rio Guandú

A guarnição de uma peça 105 aguarda a ordem para lançar suas granadas mortíferas sobre as resistências "inimigas".

Alunos da Engenharia trabalhando na reparação das estradas.

O aluno comandante de um pelotão de Infantaria aguarda a ordem para o início do ataque.

A Cavalaria na transposição do Rio Guandú: Lancamento do cabo de aço.

Um Sargento aluno da Cavalaria transpõe o Guandú, com auxílio do cabo.

Um aspecto da ponte de 50 toneladas que a Engenharia da E.S.A. construiu sôbre o Rio Guandú.

Morteiros de Cavalaria, cooperando com a Infantaria na base de fogos.

Esta peça Anti-carro do esquadrão de Cavalaria ajudou a esmantelar as "linhas do ini-igo.

Todos os trabalhos para a entrada em posição de um Grupo de Artilharia são feitos pelos alunos. Na foto acima um aspecto da execução de un levantamento.

Uma fase dos trabalhos de confecção de uma ponte, pelos alunos da Engenharia.

O Ano esportivo

TORNEIO EXTRA DE JOGOS (1º Período)

Pela primeira vez na Escola, foi disputado um torneio extra de jogos durante o transcorrer do 1º período de instrução, com a finalidade de selecionar valores para a formação dos quadros de voleibol, basquete e futebol da E.S.A.

Este torneio foi disputado pelas equipes das quatro Armas, apresentando, no final, o seguinte resultado:

OS CAVALERIANOS FORAM OS CAMPEÕES DE FUTEBOL.

A EQUIPE DE VOLEIBOL DA INFANTARIA, CAMPEÃ DO TORNEIO.

QUADRO DA ENGENHARIA CAMPEÃO DE BASQUETEBOL.

FUTEBOL

1º lugar: Cavalaria
2º lugar: Infantaria

VOLEIBOL

1º lugar: Infantaria
2º lugar: Cavalaria

BASQUETEBOL

1º lugar: Engenharia
2º lugar: Cavalaria

No computo geral dos pontos, sagrou-se vencedora do torneio, fazendo jús à taça correspondente, a arma de Cavalaria.

CAMPEONATO OLIMPICO DA E.S.A.

Como nos anos anteriores, foi disputado com entusiasmo e técnica, o campeonato olímpico da Escola, constando de um campeonato de jogos e de uma competição de atletismo.

O entusiasmo com que foram disputados os jogos e a fibra que demonstraram todos os atletas, muito contribuiram para que o resultado alcançado espelhasse fielmente, o alto gráu de preparo físico a que chegaram os sargentos-alunos que ora concluem seu curso na E.S.A.

E após uma serie de partidas e disputas, onde imperaram a técnica e a disciplina, chegamos a um resultado lógico e justo, em que a vitória sorriu sempre a quem a mereceu e os troféus foram conquistados com cavalheirismo, com fibra e capacidade técnica. Damos abaixo os resultados obtidos durante a disputa do Campeonato Olímpico, cujo prêmio, o Bronze Duque de Caxias, foi conquistado pela Infantaria.

CAMPEONATO DE JOGOS - Taça C.A.E.R. A E.S.A.

VOLEIBOL:

Campeão: Quadro da Infantaria.
Vice-Campeão: Quadro da Cavalaria.

BASQUETEBOL:

Campeão: Quadro da Artilharia.
Vice-Campeão: Quadro da Infantaria.

FUTEBOL:

Campeão: Quadro da Infantaria.
Vice-Campeão: Quadro da Engenharia.

Deste modo, o campeonato de jogos, apresentou o seguinte final:

Campeã de jogos - Infantaria.
Vice-Campeã de jogos - Artilharia.

TORNEIO DE ATLETISMO - Taça E.S.A.

Corrida de 100 ms:

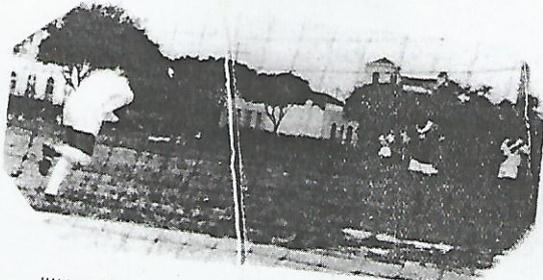
1º lugar: aluno Arnaldo A. Moura Infantaria - 11,8. Record da E.S.A.

Corrida de 200 ms:

1º lugar: aluno Ary Kerner - Artilharia - 24,4

Salto em distância

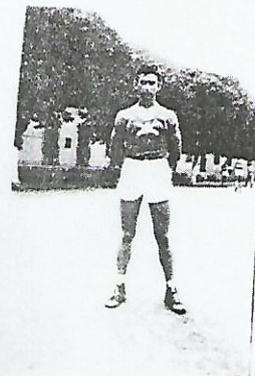
1º lugar: aluno Arnaldo A. Moura - Infantaria - 5,68 m.

...AVALARIA, VICE-CAMPEÃ DE ...OLEIBOL.

UMA DEFESA DE MAGGESSI NO JÔGO CONTRA A CAVALARIA.

O QUADRO DE FUTEBOL DA ARTILHARIA.

Corrida de 400 ms:
1º lugar: aluno Newton Pissini - Cavalaria - 57,8.
Corrida de 1.500 ms:
1º lugar: aluno José Ribamar Paulo Infantaria - 4'56",2.

Arremêsso do dardo
1º lugar: aluno Honorio G. Coelho - Artilharia - 40,15m.
Arremêsso da granada
lugar: aluno João A. Rodrigues - Artilharia - 66,30 m. Record da E.S.A.
Arremêsso do pêso
1º lugar: aluno Modesto Fontoura-Infantaria - 9,61 m.

Salto em altura
1º lugar: aluno José Tinoco - Artilharia - 1,50 m.
Revezamento 4 x 100
1º lugar: Empatadas: Infantaria e Artilharia.
Equipe da Infantaria: alunos Arnaldo Moura, José Madruga, Crispim Mendes e Jackson de Oliveira.

Equipe da Artilharia: alunos Ary Kerner, João M. Janeiro, Olavo Homrich e Milton Brown.

Revezamento 4 x 400
1º lugar: Cavalaria - 3"47"(Record da E.S.A.)
2º lugar: Artilharia.

Equipe da Cavalaria:-alunos Jurandir Santos, Djalma Rio Branco, João Nepomuceno Rosa e Newton Pissini.

Corrida rústica (3.000 ms.)
1º lugar: Equipe da Cavalaria.
2º lugar: Equipe da Infantaria.
- 1º lugar individual - aluno José Ribamar - Infantaria.

Com êstes resultados, sagrou-se vencedora do Torneio de Atletismo, conquistando a taça E.S.A., a equipe da Infantaria, seguida, respectivamente, pelas equipes da Artilharia, Cavalaria e Engenharia.

CHARADAS

(SOLUÇÕES DA PAG. 41)

1 - SERVIÇO
2 - RELATO
3 - DOLENTE
4 - MORGADO
5 - CADAFALSO
6 - POEIRA

"SINCOPADA"

1 - CAPITÃO - CATÃO.

* * *

PALAVRAS CRUZADAS

(SOLUÇÕES DA PAG. 45)

Nº 1

HORIZ.	VERT.
2 - SOL	1 - GORO
4 - SARAU	2 - SA
6 - SO	3 - LÁ
7 - NA	4 - SOFRE
9 - SOFA	5 - ÚNICO
10 - SINO	6 - SOA
11 - AR	8 - ANA
13 - CA	12 - TRIO
14 - ÉBRIO	15 - BA
17 - AIA	16 - IA

Nº 2

HORIZ.	VERT.
2 - OCA	1 - ÍCARO
- ALANO	2 - OLA
5 - APO	3 - ANO

CONTINUAÇÃO DA PAG. 33

III Batalhão à retaguarda do eixo Felegara e, desencadeámos violento ataque pela estrada Collecchio-Fornovo, com o I Batalhão do 6° Regimento de Infantaria, reforçado com um Pelotão de tanques americanos. Às 12,00 horas de 28 de Abril, iniciou-se a ofensiva. O I Batalhão levava duas companhias pelas elevações à esquerda, com domínio sôbre a estrada e uma outra por esta, juntamente com a tropa de tanques. Após 1000 metros de avanço, verificou-se que a tropa atacante palmilhava um terreno minado, o que forçou os tanques a não passarem daí. Ao mesmo tempo as companhias que progrediam à margem da estrada, começaram a ser hostilizadas, até que uma delas ficou inteiramente detida. Retirou-se então a sub-unidade que progredia com os tanques, e lançou-se à retaguarda da que continuava a avançar. Mais alguns metros, porém, as três companhias ficaram inteiramente imobilizadas. A resistência inimiga, àquela altura, tomava proporções dramáticas. Os nazistas usavam armas de todos os tipos e calibres, e até metralhadoras anti-aéreas, eram empregadas contra a nossa infantaria. As baixas começavam a ser sensíveis. O nosso soldado, ante tamanha violência, revestiu-se de extraordinária bravura, avançando, homem a homem, sem se intimidar. Era a competição do valor individual, que punha em evidência as belas qualidades do nosso combatente. O adversário, porém, era mais numeroso, e chegou o momento trágico, de sentirmos a impossibilidade de proseguir no avanço, sôbretudo, pelo incomputável número de baixas. Pediu-nos então a segunda companhia que mandássemos um elemento pela estrada, para distrair a atenção do inimigo e atrair-lhe o fogo. Pouco nos restava, mas, ainda assim pudemos organizar um grupo de bravos, verdadeiros aventureiros, naquele transe angustioso de luta titânica entre o sentimento do dever e a inevitável rebeldia dos instintos, para servir de isca...

Cerca das 17,30 horas, lenta mas decisivamente, iniciava o grupo o seu deslocamento. Vasculhou a região próxima de Gaiano, e para lá se dirigiu, enfrentando inúmeras rajadas de metralhadoras, atirando com projéteis traçantes.

A despeito disso, pôde o pequeno elemento cumprir a missão, embora para não regressar. Chegando até ao pôsto de comando alemão, depois de, à viva voz trocar palavras com o inimigo, foi lançado aos ares, pelo acionamento de uma mina anti-tanque...

Pelas 20,30 horas, entretanto, o comandante do I Batalhão do 6° Regimento de Infantaria - então Major JOÃO CARLOS GROSS - recebia o oficial alemão, parlamentar, que vinha negociar a paz com os brasileiros, e que foi imediatamente, encaminhado ao comandante da Divisão brasileira que no P.C. do I/6° R.I. lhe ditou as condições para suspensão das hostilidades.

RENDIÇÃO INCONDICIONAL

Durante a madrugada, todavia, enquanto esperávamos a resposta do comando alemão, ainda fomos vítimas de um contra-ataque, ainda que sem nenhum resultado, e onde, como numa irremediável liquidação forçada, atiraram os nazis com todo tipo de arma e munição.

Na manhã do dia 29, enfim, eram suspensas as operações, e a 2 de março, firmada a rendição das tropas alemãs que lutavam na Itália.

E êste, sem dúvida, um dos mais formosos capítulos traçados pelos expedicionários brasileiros em terras européias, pois aqueles 3500 alemães, de que falamos, puderam contar-se pelos 16.000 aprisionados, cujo copioso material bélico raiava pelo espetacular !.

E, o modesto soldado brasileiro, como testemunho do seu valor, viu desfilar vencidos ante os olhos molhados de justificada emoção cívica, os aguerridos soldados da arrogante 148 Divisão nazista...

O anoitecer

Aluno ERALDO LUIZ CARDOSO.

A tarde, aos poucos vai caindo, e a noite chegando. É êste um dos momentos mais expressivos de nossa vida. É o crepúsculo.

Os pássaros soltam os seus últimos gorgeios, e vão para seus ninhos a procura de repouso. Todos os animais, enfim, abrigam-se levados pelo instinto natural.

As árvores acenam com suas folhas à tarde que morre.

Os últimos raios de luz vão, aos poucos, desaparecendo no horizonte infindo. As nuvens movimentando-se, plàcidamente, no sidéreo espaço, transmitem-nos o que ainda resta da luminosidade solar.

É nêste momento que a saudade e o arrependimento vagueiam em nossa mente.

O afã diário chega a seu término. Os bondes e ônibus deslizam pelas ruas da cidade, levando consigo a turba esforçada dos que lutam pelo pão de cada dia.

A cidade vive seus maiores momentos de agitação.

O homem exausto do labor quotidiano regressa ao lar, onde encontra lenitivo, o descanço físico e espiritual.

O dinamismo do trabalho vai aos poucos desaparecendo.

Tudo é melancolia. Tudo é beleza poética que embala nossa alma e que nos faz sonhar dòcemente. Tudo é prelúdio da noite que se aproxima.

Ao longe sôa a melodiosa harmonia que se eleva no espaço para levar ao céu, que começa a se ornamentar de estrelas, as nossas orações. É a voz dos sinos que entoam a Ave-Maria!

É a hora que tudo parece sintetizar-se em uma prece! Toda humanidade não é mais do que um imenso coração palpitante de amor e de ternura. Elevam-se os pensamentos ao Creador, suplicando-lhe paz, saúde e felicidade. Esquecem-se os sofrimentos e paixões, e os joelhos dobram-se num humilde gesto de respeito e devoção.

Tudo adquire um aspecto de serenidade.

A lua sorridente, saúda as estrelas em seu derredor, e lança-nos o seu doce olhar de mãe carinhosa.

É noite de luar! Como sempre, cheia de esperanças.

Cada indivíduo tem a sua predileção noturna. Os cinemas, os teatros, os jardins, os passeios públicos e os parques de diversões são os lugares mais frequentados.

Surgem, inevitàvelmente, os casais de namorados, românticos, a murmurarem baixinho juras de eterno amor, sob o imenso firmamento estrelado, sonhando com a felicidade... É a vida que continua.

As águas do mar beijam docemente a praia, sob o olhar meigo da lua. O vento sútil e manhoso agita as folhas dos coqueiros num gesto de solidariedade à cena deliciosamente encantadora da paisagem noturna.

O poeta sente inspiração diante da imensa grandeza que se lhe apresenta. Êle sabe que a natureza é base do seu entusiasmo poético, êle sabe que uma noite de luar é uma das jóias divinas que o homem possui.

A noite se aprofunda, e a própria natureza, em êxtase, entrega-se à voluptuosidade do sono.

Emfim, tôda cidade dorme ... !

Como você poderá ser um charadista

Ten. Darcy Vigier

O charadismo é um meio de diversão mundialmente conhecido, cuja vantagem principal é instruir enquanto distrai.

Ele instrúe porque, ao resolvermos uma charada aumentamos nosso vocabulário com a descoberta de têrmos anteriormente desconhecidos para nós, tomamos contato com países e acidentes geográficos dos quais não tínhamos conhecimento, somos apresentados a personagens ilustres do passado, desenvolvemos nossos conhecimentos de botânica, zoologia, mineralogia, etc..

Outra razão de ser do grande desenvolvimento do charadismo é que ele dá grande flexibilidade de raciocínio, fazendo com que seus adeptos aprendam a raciocinar rapidamente.

A fim de difundir tão útil arte entre os alunos da E.S.A., vou, a seguir, ensinar como se resolve ou faz alguns dos diversos tipos de charadas.

a) NOVÍSSIMA - é a mais conhecida de todas. Consiste na junção de duas ou mais palavras (chave), para formar uma terceira (conceito).

A charada deve ter o formato de uma frase, na qual as chaves e o conceito são colocadas entre aspas ou grifadas, vindo depois o número de sílabas das palavras chaves.

Exemplo: - *"Aquí" neste "buraco" caiu o "Animal".* 1 - 2.

CA + VALO = CAVALO.

A "criminosa" veio até "aquí" mas não quiz mais "andar" para não "tornar a cair".

1 - 1 - 1.

RE + CA + IR = RECAIR.

Observações: - Quando são empregadas palavras que não são verdadeiramente sinônimas, deve-se diferençá-las das demais, como por exemplo grifando-as e colocando-as entre aspas ao mesmo tempo.

Exemplo: - *Este "homem" "oferece" um presente àquela "mulher".*

1 - 1.

GIL + DA = GILDA.

Há "falta" de "luz" no "Paiz da Ásia".

1 - 2

IN + DIA = INDIA.

No 1º exemplo as palavras "homem" e "mulher" estão diferençadas da outra chave, "oferece", porque GIL E GILDA não são sinônimos das palavras "homem" e "mulher", mas sim um "nome de homem" e um "nome de mulher".

No 2º exemplo a chave "falta" está diferente da "luz" e "País da Asia", porque IN não é seu sinônimo, mas sim um "prefixo que significa falta".

b) CASAL - consiste em descobrir, por meio de duas palavras chaves, dois conceitos que são palavras cuja única diferença entre elas seja a terminação a ou o (feminino ou masculino).

A charada deve apresentar um formato idêntico a uma frase, tendo no fim um número, que será igual ao número de sílabas das palavras que procuramos.

Exemplo: - *O "Sólido geométrico" foi encontrado no "País da América".*

2.

CUBO - CUBA

Eu "disputo" durante todo o tempo da "peleja".

2.

LUTO - LUTA

Na charada casal tambem se aplicam as observações relativas à charada novíssima.

c) SINCOPADA - consiste em, descobrir uma palavra da qual, retirada a sílaba ou as sílabas do meio, obtem-se um outra palavra.

A charada deve apresentar-se como uma frase, tendo antes o número de sílabas da palavra primitiva e depois o número de sílabas da palavra derivada.

Exemplo: - *3 - É bem "quieta" esta "ave doméstica" - 2.*

PACATA - PATA.

4 - Ele chegou na "cascata" e lavou o "rosto" - 2.

CACHOEIRA - CARA.

Na charada sincopada tambem se aplicam as observações relativas à charada novíssima.

d) LOGOGRIFO: - consiste em descobrir uma palavra por meio de varias palavras "chaves", as quais possúem suas letras numeradas de acordo com o local que elas ocupam na palavra a ser descoberta.

Exemplo: - *Os "professores" (8-2-6-4-2-1) discutiam se na língua "romana" (8-9-4-5-6-9) a palavra "tempêro" (1-9-8) era escrita com "acento" (4-5-8) ou não, então, a discussão foi interrompida pela "vagarosa" (8-7-3-4-9) entrada do "vigia" da escola.*

SOLUÇÃO: 1 2 3 4 5 6 7 8 9

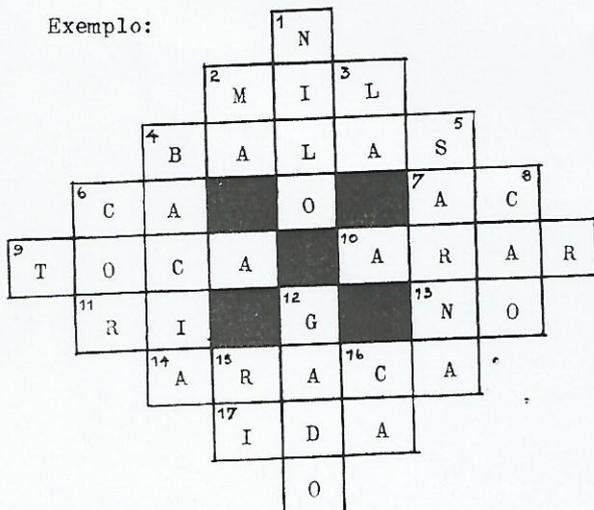
S E N T I N E L A

Aqui tambem são aplicadas as observações relativas às charadas novíssimas.

e) - PALAVRAS CRUZADAS:-consiste no cruzamento de várias palavras, de modo que apareçam palavras lidas verticàlmente aproveitando as letras das que estão escritas horizontàlmente.

Os quadros em que se iniciam palavras (horizontais ou verticais) são numerados na ordem natural dos números inteiros.

Exemplo:

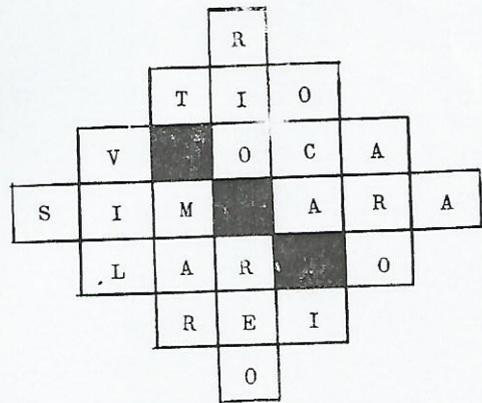
				1 N				
			2 M	I	3 L			
		4 B	A	L	A	5 S		
	6 C	A	■	O	■	7 A	8 C	
9 T	O	C	A	■	10 A	R	A	R
	11 R	I	■	12 G	■	13 N	O	
		14 A	15 R	A	16 C	A		
			17 I	D	A			
				O				

HORIZONTAIS: - 2 - Grande número; 4 - Projetís; 6 - Aquí; 7 - Antes de Cristo; 9- Buraco de bicho; 10 - Lavrar; 11 -Acha graça; 13 - Embaraço; 14 - Fruta; 17 - Partida.

VERTICAIS: - 1 - Rio do Egito; 2 - Perversa; 2 - Ali; 4 - Vaso próprio para lavagens; 5 - Doença cutanea; 6 - Colorido; 8 - Animal doméstico; 12 - Tecido; 15 - Aquí; 16- Pronome pessoal.

Observações: 1) Como se verifica na vertical n° 8 do exemplo acima, não se leva em consideração os acentos, pois a chave animal doméstico (CÃO), na solução está sem o til.

2) Da mesma forma não se leva em consideração a cedilha, pois como se vê na horizontal n° 14, a palavra ARAÇÁ está sem a cedilha.

3) Não se deve colocar palavras invertidas ou faltando letras.

4) Deve-se procurar o maior número possível de cruzamentos, não podendo ficar uma parte do problema inteiramente independente da outra, como no exemplo abaixo.

As mãos

Al. DUILIO CALDEIRA LOTT

QUANDO VOCÊ APARECEU NESTE MUNDO, MEU AMIGO, NO MOMENTO EM QUE PELA PRIMEIRA VEZ SEUS OLHOS ASSUSTADOS VIRAM A LUZ DO SOL, FORAM AS MÃOS SÁBIAS DO MÉDICO OU DA PARTEIRA QUE O RECEBERAM E COM CARINHO O DEPOSITARAM EM SEU BERÇO ...

OLHE BEM, EXAMINE DETALHADAMENTE AS SUAS MÃOS E PENSE NO BEM E NO MAL QUE ELAS PODEM FAZER.

COM CARINHO E AMOR FORAM ELAS QUE O RECEBERAM PARA A VIDA E O GUIARAM NO LIMIAR DA EXISTÊNCIA, AFAGARAM OS SEUS CABELOS QUANDO VOCÊ, CRIANÇA AINDA, CHEGAVA EM CASA FELIZ E SORRIDENTE APÓS OS FOLGUEDOS OU AS AULAS, CASTIGAVAM-NO QUANDO MERECIA E AGASALHAVAM-NO QUANDO SENTIA FRIO. LEMBRE-SE DOS TEMPOS DA SUA INFÂNCIA, QUANDO A SANTA QUE LHE DEU A VIDA O FAZIA AJOELHAR-SE E UNIR AS MÃOS TENRAS E DELICADAS PARA A PRECE DA TARDE OU DA MANHÃ. VOCÊ AS ERGUIA AOS CÉUS E COM FERVOR REPETIA AS PALAVRAS QUE OUVIA, PEDINDO A DEUS UM PRESENTE RISONHO E UM FUTURO FELIZ.

HOJE, MEU BOM AMIGO, SÃO ELAS QUE LHE DÃO O PÃO DE CADA DIA E COM ELAS VOCÊ ACARICIA E ESBOFETEIA, APLAUDE E ACUSA...

REPARE BEM NA DIVERGÊNCIA QUE EXISTE ENTRE AS MÃOS.

VEJA ESTAS: SÃO DE UM OPERÁRIO. OS CALOS E AS UNHAS ESTRAGADAS QUE LHES DÃO UM ASPECTO MÁSCULO E FORTE, MOSTRANDO QUANTO TEM SIDO DURA A LUTA PELA EXISTÊNCIA, SÃO UM CONTRASTE MARCANTE COM ESTAS OUTRAS: SÃO DE ESCRITOR. FINAS E BEM TRATADAS, RESSALTAM LOGO À PRIMEIRA VISTA A PERSONALIDADE ARISTOCRÁTICA DE QUEM AS POSSUI. SÃO SEDOSAS E MOVIMENTAM-SE COM NERVOSISMO. FORAM FEITAS PARA PEGAR UMA CANETA OU DEDILHAR COM RAPIDEZ UMA MÁQUINA DACTILOGRÁFICA.

SÃO VÍS AS MÃOS QUE ESTRANGULAM, SÃO COVARDES AS QUE APEDREJAM, FALSAS E CÍNICAS AS DO JOGADOR E SÃO AMIGAS E SANTAS AS DA ENFERMEIRA...

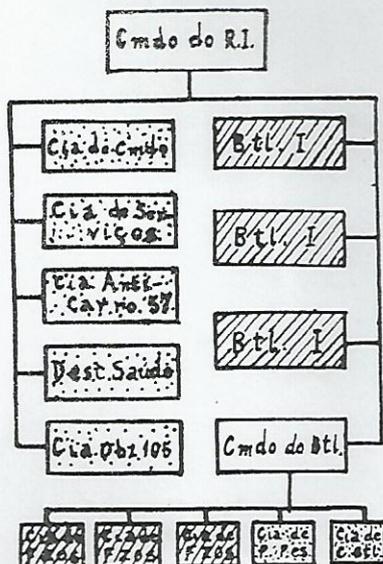
E AGORA, MEU INCOMPARÁVEL AMIGO, LEMBRE-SE DE QUE, QUANDO O SEU FIM SE APROXIMAR, A ÚLTIMA IMÁGEM A PENETRAR NA SUA RETINA SERÁ A DAS MÃOS DOS SEUS AMIGOS QUE, PIEDOSAMENTE, UNIRÃO SUAS PÁLPEBRAS PARA O SONO ETERNO !

E DEPOIS, QUANDO MÃOS AMIGAS E CARIDOSAS TRANSPORTAREM SEU ESQUIFE ATÉ O CAMPO SANTO, SERÃO AINDA AS MÃOS CALOSAS E RUDES DO COVEIRO QUE, EMPUNHANDO A PÁ, O RECOBRIRÃO DE TERRA ...

E É COMO LHE DIGO, MEU AMIGO, NAS MÃOS ESTÁ O NOSSO DESTINO, POIS ELAS NOS INTRODUZEM NA VIDA E NOS CONDUZEM NA MORTE ...

2) um elemento de apoio para manter o ímpeto do ataque e influir na ação quando a reserva ja tenha sido empregada.

Visto que foram os princípios básicos, vejamos a organização da Infantaria, ressaltando em axuliado os de combate propriamente dito, e com pontilhado os elementos de apoio.

ORGANIZAÇÃO DO R. I.

Devemos ressaltar que:

a) - o Regimento de Infantaria - age como elemento principal da Divisão em coordenação com a Artilharia e outras armas.

Excepcionalmente age só.

b) - O Batalhão de Infantaria - é a unidade tática básica; opera como elemento do R. I.

Excepcionalmente age só.

c) - Companhia, parte integrante do Btl. ou R.I.; é a menor unidade com encargos administrativos.

Analisados que foram os princípios básicos e estudada a organização consequente apreciemos as características do R.I.?

1 - Possui apreciavel poder ofensivo, devido a regular dotação de morteiros, obuzes, lança-rojões e armas automáticas.

2 - Dotado de regular mobilidade oriunda da motorização dos elementos de apoio - Cia. A.C., Cia. Obz., transporte organico das metralhadoras e morteiros - de reconhecimento, de transmissão e dos serviços.

Tem a capacidade de transporte para um terço do seu efetivo.

3 - Possui grande capacidade de manobra proveniente do emprêgo de abundantes meios de transmissão - rádio e telefones até o escalão Pelotão - da sua organização ternária e da boa constituição dos elementos de comando.

4 - Grande flexibilidade que permite a centralização ou a descentralização de seus elementos de apoio ou luta, na constituição de agrupamentos táticos do escalão Batalhão - (Combat team).

É preciso porem que não nos esqueçamos que, apezar dos grandes aperfeiçoamentos nos equipamentos militares, existe e existirá sempre a "Preponderância do valor moral".

Lembremos do Machiavel! *"Nunca se é mais facilmente vencido que quando se duvida da vitória".*

E tambem do grande mestre - Napoleão - ao se dirigir aos *"soldats d'Italie: manqueriez vous de courrage ou bien de constance"?*

Sim, a primeira condição para a obtenção da vitória, e a vontade de vencer !

Assim sendo, continúa o homem, a ser o elemento primordial do combate.

E uma Infantaria, convicta da utilidade e eficiência de sua ação e da legitimidade dos sacrificios que lhe são impostos, atinge o mais alto valor moral, e, por conseguinte, a Vitória.

Continúa na pág. seguinte

Continuação da pág. anterior

Por tudo já acima exposto conclui-se que:

1 - A Infantaria necessita de:

a) - Comandos enérgicos, inteligentes e dotados de iniciativa. Conscios de suas responsabilidades e capazes de ações temerárias.

b) - Uma tropa bem instruida, fisicamente forte e dotada de grande valor moral.

2 - As outras armas ou serviços, em suas realações com a Infantaria, precisam:

a) - aumentar-lhe a eficiência no combate empenhando-se no aperfeiçoamento dos processos de ligação e apoio;

b) - concorrer para a exaltação moral do infante em todas as circunstâncias.

SUCESSO E FRACASSO

Continuação da pág. 43

Entretanto, a maioria das pessoas, só dá valor ao presente quando está sendo bem sucedido. Para uns e outros entretanto uma verdade é irrefutavel: a exaltação é um dos fatos | edominantes naqueles que fracassam! E o pior é que os doentes desse mal raramente o enxergam. Há dias exaltei-me interiormente com um superior, quando me foi apontado um fracasso, embora em um fato de pouca importância. Quem perdeu fui eu em me preocupar; mudei de orientação e obtive o sucesso desejado.

Devemos ser senhores de nós mesmos tendo personalidade, mas não nos esqueçamos de que o fracasso e o sucesso dependem dessa mesma personslidade.

É uma arte saber usar as emoções nas horas necessárias, utilizando-as para o benefício de maneira sobria e analitica. Quando o sucesso adormece o fracasso se exalta. Sendo senhor de si cada um de nós deve procurar comoreender os adversários acidentais, evitando falar tudo quanto se sabe, dizendo apenas aquilo que se deve ! ...

A E.S.A.

Na ordem unida

BUENO

Mas, sêu sargento, o sinhor não disse
- peito pra fóra barriga pra dentro!...

Contiñuacao da pag.48

ou namorada, amigos e companheiros. Alguem entre estas pessôas, deve sentir qualquer coisa diferente ao ouvir as palavras "saudade" e "adeus". Si as mesmas estiverem numa poesia, aliada a u'a melodia, fique certo de que esta música sempre fará com que estas pessoas lembrem-se de você ou você de las.

O efeito que a música causa dentro do íntimo varia de acôrdo com o enredo da vida de cada pessôa. Às vezes fére... outras vezes consola, estimula, insinua á bebida e às vezes até ao suicídio. Lembro-me quando aluno, a alegria que eu proporcionava a maioria dos meus colegas que se aglomeravam em tôrno do nosso pequeno conjunto. Um pedia isso... outro aquilo...enquanto que alguns, deitados sôbre a cama limitavam-se sòmente a ouvir e deixar os seus pensamentos vagarem até as suas terras longínquas, recordando o tempo de bonitão, bigodinho aparado e cabeleira cheia. Alguns choravam de saudade ou emoção.

Observo que a arte musical pouco ou nada progrediu, ao contrário, está regredindo dia a dia e qualquer pessôa póde com facilidade chegar a essa conclusão. Senão vejamos: - Onde estão hoje os grandes artistas que se possam comparar com Beethoven, Shubert, Lizt, Mozart, Chopin e muitos outros ? Na data de hoje, tudo o que se faz na música é baseado dentro do que Beethoven estudou. Ninguem ainda conseguiu ultrapassar os conhecimentos dêsse "gênio". Dezenas de anos ja são decorridos desde a sua morte e tudo evoluiu, menos a música...

Como o hino, a música popular também caracteriza uma Nação, pelo rítmo e melodia.

O fox é genuinamente americano, o bolero - mexicano, a rumba-cubana, o tango-argentino, a valsa-vienense, o samba-brasileiro, etc. O mais importante é que cada país imortalizou uma das tantas melodias populares. O Americano imortalizou "Star Dust (Poeira de Estrelas)", o Argentino "La Cumparcita", o Cubano "Siboney", o Francês "La Gigolette", o Russo "Olhos Negros", o Italiano "Vívere", o Mexicano "Desesperadamente" e o Brasil ? Parece que ninguem se lembra hein ? Pois,afirmo que temos u'a música que está sendo executada em todo o mundo como caracteristica do Brasil, é o "Tico-tico no fubá"!...

* * *

UM TRABALHO QUE HONROU O EXÉRCITO

Por ROMEU FILARDI

Iniciamos neste número inaugural da Revista "A E.S.A.", a primeira reportagem sôbre a atuação do general ALFREDO VIDAL - idealizador, criador e organizador do então Serviço Geográfico Militar.

Na cidade de São Leopoldo, no Estado do Rio Grande do Sul, nasceu o general Vidal, a 28 de agosto de 1868.

Filho do Engenheiro José Maria Vidal de nacionalidade espanhola e da Exma. Sra. D. Augusta Vidal, que chegaram ao Brasil, em 1848.

Dentre muitos trabalhos de sua profissão, o Eng. José Vidal fez o levantamento da região serrana, da então província do Rio Grande do Sul.

Aos 16 anos de idade, o gen. Vidal auxiliava seu pae nesses trabalhos, tendo mesmo participado no levantamento para a estrada de ferro Porto Alegre - Laguna, cuja construção seria executada por uma companhia inglesa.

Matriculou-se o Gen. Vidal, em 1885, na Escola Militar de Porto Alegre; em 1888, transferiu-se para o Rio de Janeiro e concluindo o curso na Escola Militar da Praia Vermelha, em 1889, foi nomeado alferes aluno.

Um ano após, foi promovido a 2º Tenente de artilharia e em 1892, no pôsto de 1º Tenente, terminava o curso de engenharia de Escola Superior de Guerra.

Em 1892, fez concurso para a cadeira de arquitetura da referida Escola, tendo sido diplomado. Neste mesmo ano, fez parte da administração da E.F.C.B., como chefe da locomoção.

Exerceu o general Vidal sua atividade em diversas comissões importantes, como por exemplo: construção do palácio Monroe; Biblioteca Nacional e Quartel do Corpo de Bombeiros, onde em 1907, serviu como major assistente do material.

Era inato seu pendor pelos problemas da Cartografia.

(Continua no próximo número)

A o s   n o v o s   a l u n o s

Companheiros !

A vós, herdeiros das instituições desta famosa Escola, legamos a revista "A E. S. A.", cujo 1° número acabais de ler.

Com o entusiasmo, cultura e o devotamento de todos vós esta publicação atingirá o nosso ideal de torná-la a expressão falaz e indiscutivel do alto nível a que atingiu a classe dos sargentos em nosso Exército.

F E L I Z   1950 ! ...